

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Estágio Profissional em Ensino de Educação Física na Escola E.B. 2/3 de Leça do Balio

**Relatório de Estágio Profissional
apresentado com vista à obtenção
do 2º Ciclo de Estudos conducente
ao grau de Mestre em Ensino de
Educação Física nos Ensinos Básico
e Secundário (Decreto-lei nº 74/2006
de 24 de Março e o do Decreto-lei nº
43/2007 de 22 de Fevereiro).**

Orientadora: Doutora Paula Queirós

Daniela Filipa Vieira Cerqueira

Setembro de 2010

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional
apresentado com vista à obtenção do
2º Ciclo de Estudos conducente ao
grau de Mestre em Ensino de
Educação Física nos Ensinos Básico e
Secundário (Decreto-lei nº 74/2006 de
24 de Março e o do Decreto-lei nº
43/2007 de 22 de Fevereiro).

Orientadora: Professora Doutora Paula Queirós

Professor Cooperante: Mestre Rui Pacheco

Daniela Filipa Vieira Cerqueira

Porto, Setembro de 2010

Ficha de Catalogação

Cerqueira, D. (2010). Relatório de Estágio Profissional. Porto: D. Cerqueira. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-Chave: Educação Física; Estágio Profissional; Educação; Processo Ensino-Aprendizagem; Tempo de Aprendizagem.

Dedicatória

À minha **Avó**...

Pela pessoa que é ...

Por todo o seu amor e carinho...

Enfim... A ela devo tudo o que sou...

Agradecimentos

Ao Professor Cooperante Mestre Rui Pacheco, por todas as experiências partilhadas, toda a paciência e acima de tudo por me ter ensinado tanto sobre tantas coisas.

À Orientadora Professora Doutora Paula Queirós, por toda a disponibilidade, compreensão e acima de tudo força e motivação.

Aos meus colegas de Estágio, Bruno e Luís, pelas suas observações, críticas, troca de ideias e boa disposição que tanto me ensinaram e apoiaram.

Aos “meus meninos” do 8º B (2009/2010) da Escola E.B. 2/3 de Leça do Balio, por tudo aquilo que são, que me ensinaram e transmitiram durante todo o ano lectivo.

Ao meu namorado Pedro, por todo o seu amor, carinho e compreensão... Por tudo o que significa para mim.

A toda a minha família pelo apoio incondicional e carinho, especialmente à minha avó que esteve, está e estará “sempre lá” para mim.

A todos os que contribuíram para a minha formação, não só como estudante mas essencialmente como pessoa... A todos o meu **Muito Obrigado**.

Índice Geral

- Dedicatória	III
- Agradecimentos	V
- Índice Geral	VII
- Índice de Anexos	IX
- Resumo	XI
- Abstract	XII
-Lista de Abreviaturas	XIII
I- Introdução	3
- Ser Professor	4
- O Professor de Educação Física	7
II- Enquadramento Biográfico	13
- Formação de Professores	15
- O Estágio Profissional	18
- Expectativas em relação ao Estágio Profissional	19
III- Enquadramento da Prática Profissional	23
- O papel da Educação Física na Escola	23
- A Educação	29
- Os Pilares de Educação	32
- O Processo Ensino-Aprendizagem	35
IV- Realização da Prática Profissional	41
- Áreas de Desempenho:	
- Área 1: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem	41
- Área 2: Participação na Escola	49
- Área 3: Relações com a Comunidade	55
- Área 4: Desenvolvimento Profissional	55

- Projecto de Estudo de um problema decorrente do processo de Ensino-Aprendizagem	56
- Grupo de Estudo	56
- Metodologia	57
- Apresentação dos resultados	57
- Conclusões	59
V- Conclusão	63
VI- Síntese Final	69
VII- Referências Bibliográficas	75
VIII- Anexos	XV

Índice de Anexos

- Questionário

XVII

Resumo

O Estágio Pedagógico tem uma enorme relevância no percurso profissional de todos nós. Através dele adquirimos fortes bases para a construção de uma competência e eficácia pedagógica. Neste sentido, este ano lectivo tratou-se de um ano ímpar e inesquecível, tanto a nível de aprendizagens, de conhecimentos, como de novas experiências.

Iniciei este Relatório de Estágio com o enquadramento biográfico, pois através dele é perceptível o porquê de ter enveredado por este caminho.

Seguidamente enquadrei a minha prática profissional com o papel da Educação Física na escola e com a Educação.

A realização da prática foi dividida em quatro áreas: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem; Participação na Escola; Relações com a Comunidade e Desenvolvimento Profissional. Estas áreas serviram para mostrar tudo o que planeei, realizei e avaliei durante todo este percurso. Em cada uma delas foram expostos diversos episódios, foram reconhecidos erros, problemas, dúvidas, mas também o que fiz para as conseguir superar, ultrapassar e atingir os objectivos propostos. A par de todo este percurso foram realizadas sucessivas reflexões e por conseguinte adaptações no sentido de poder alterar e aperfeiçoar a minha acção pedagógica.

Uma das dificuldades sentidas foi o pouco tempo útil disponível nas aulas de 45 minutos. Assim sendo, propus-me analisar a opinião de alguns professores de Educação Física sobre estas mesmas aulas, questionando sobre quais as diferentes estratégias que utilizam tanto na aula de 45 minutos como na aula de 90 minutos, quais as diferenças nas abordagens dos vários conteúdos, bem como qual entendem ser o motivo para a existência dessas mesmas aulas. Concluí, entre outras coisas, que os professores não concordam com a existência das aulas de 45 minutos, pois não contribuem o suficiente para a aprendizagem dos alunos, visto que “aprender leva o seu tempo”.

Palavras-Chave: Educação Física; Estágio Profissional; Educação; Processo de Ensino-Aprendizagem; Tempo de Aprendizagem.

Abstract

Professional probation plays a major role in one's professional course. Through it we acquire strong foundations for building a competent and effective pedagogical. Thus, this school year was an unforgettable record year, both at learning and knowledge levels, as for new experiences.

I began this report with biographical guidelines because through it is perceived why i opt on this path.

Then, fit my professional practice with the Education and Physical Education classes' role.

The practice achievement was divided into four areas: Teaching and Learning Organization and Management, Participation in School, Community relations and Professional development. These areas presented everything i planned, implemented and evaluated throughout this course. In each one were exposed not only several episodes, recognized errors, problems or questions, but also what i've done to get through to overcome and achieve my goals. Alongside this route, successive considerations were taken and therefore adjustments in order to change and improve my pedagogical action.

One of the encountered difficulties was the little time available in 45 minutes classes. So i set myself to assay some physical education teacher's opinion on this matter, questioning them about different strategies used in 45 and 90 minutes classes, differences of various contents approaches, as well as what was their opinion for the 45 minutes classes reason of being. Concluded, among other things, that every teacher disagree with the existence of this classes because they do not present enough contribution to students' learning since "learning takes time".

Keywords: Physical Education; Professional Probation; Education; Learning and Teaching Process; Learning Time.

Lista de Abreviaturas

CNEB – Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências essenciais

EF – Educação Física

EP – Estágio Profissional

P1 – Professor nº 1

P2 – Professor nº 2

P3 – Professor nº 3

P4 – Professor nº 4

PSP – Polícia de Segurança Pública

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Introdução

***“Diz-me e eu esquecerei...
Ensina-me e eu lembrar-me-ei...
Envolve-me e eu aprenderei...”***

(Provérbio Chinês)

I – Introdução

Este documento trata-se do Relatório de Estágio realizado no âmbito da disciplina de Estágio Profissional inserida no 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, realizado ao longo do ano lectivo 2009/2010, na Escola E.B. 2/3 de Leça do Balio.

O Estágio Profissional (EP) propicia um conjunto de desafios e reflexões diárias, pois trata-se de um processo de formação que reúne todos os conhecimentos e metodologias adquiridas anteriormente.

De facto, este ano apresenta-se como uma verdadeira iniciação na vida profissional, exigindo desde logo a capacidade para assumir dois papéis, o de formador e ao mesmo tempo, o de formando. Foi um ano repleto de experiências (boas e menos boas) que me fizeram crescer e enriquecer não só como futura docente, mas também como pessoa.

É errado pensar que o ano de EP significa o final da nossa formação, pois é exactamente o contrário. O EP simboliza apenas uma formação inicial, pois é a partir daqui que se iniciará a nossa actividade docente. Todos os conhecimentos adquiridos em anos anteriores são de extrema e indiscutível importância, no entanto penso ser esta a etapa mais importante da minha formação enquanto estudante da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, pois toda a aprendizagem obtida foi colocada em prática no terreno (Escola).

Assim, só com a prática do ensino, através do exercício de apropriação de conhecimentos, habilidades, metodologias e atitudes essenciais ao exercício docente, foi possível desenvolver verdadeiramente o binómio

teoria/prática, permitindo-me experienciar todos os aspectos que dizem respeito à profissão, tais como burocracia, organização, compreensão do sistema educativo, a angústia da avaliação, o estabelecimento de relações tanto com os alunos, professores e funcionários, ou seja, vivenciar o dia-a-dia como Professora.

Mais concretamente sobre o meu EP e como já foi referido anteriormente, este decorreu na Escola E.B. 2/3 de Leça do Balio. A turma que tive o prazer de leccionar foi uma turma de 8º ano (8º B) e era constituída por 21 alunos. Senti-me bastante realizada ao poder trabalhar com esta turma durante todo o ano lectivo, pois tratou-se de um desafio constante.

Tive bastantes dificuldades e limitações, mas, no entanto, com todos os excelentes e sábios conselhos fornecidos pelo Professor Cooperante Rui Pacheco e ajuda e paciência da Orientadora Paula Queirós, muitos problemas foram solucionados e ultrapassados, pois é este um dos objectivos principais do EP: oferecer-nos múltiplas experiências e problemas para conseguirmos ultrapassar e resolver para assim crescermos e nos tornarmos melhores profissionais.

Relativamente ao Relatório de Estágio, este torna-se essencial, não só para mostrar o trabalho que foi realizado ao longo de todo o ano lectivo, bem como as perspectivas, as experiências, as dificuldades encontradas no EP, mas acima de tudo para reflectirmos sobre o que foi feito, pois torna-se fulcral sabermos o que podemos e devemos modificar e melhorar.

Ser Professor

Ser professor, nos dias que correm, é muito mais do que cumprir as tarefas intrínsecas à sala de aula.

A nossa sociedade, marcada pela variedade e multiplicidade, impõe funções acrescidas à escola, tendo esta a responsabilidade de preparar os jovens para um futuro próximo. Deste modo, o professor, para além de ter de gerir a sua aula, tem igualmente de ser um gestor de relações pessoais e de

conflitos, um gestor de tarefas de interacção entre os vários elementos da comunidade escolar, um gestor administrativo e ainda um gestor de interacção com a comunidade. Neste sentido, o professor vê-se obrigado a dar resposta a uma pluralidade de tarefas (Silva, 2009).

Actualmente, o papel do professor é bastante complexo e abrangente, visto que a escola é vista como uma colectividade de aprendizagem, cuja interacção entre os membros e com a própria comunidade é essencial.

A prestação do professor não se apoia somente na transmissão de informações, o professor deve estar preparado para novas formas de pensar e dominar assuntos de interesse dos alunos no sentido de lhes estimular o interesse pelas matérias.

Esta ideia é fortalecida por Cavaco (1993, p.71) quando diz que *“o início da carreira de professor corresponde a um novo processo de socialização que se desenvolve em paralelo com a formação profissional através duma prática em que o jovem é solicitado a dar rápidas respostas às múltiplas situações que se apresentam.”*

Neste sentido, é fundamental que a aptidão profissional vá para além das tarefas didácticas de planear, realizar e avaliar no contexto do processo de ensino e aprendizagem. Segundo Silva (2009, p.9) *“o professor só poderá responder com eficácia às múltiplas tarefas para que é solicitado, se compreender e se envolver no contexto global do ser professor.”*

Para além da capacidade de cumprir os currículos previamente estabelecidos, exige-se ao professor que seja um gestor em situação real, alguém decisor e intérprete crítico do seu próprio desempenho. Neste sentido, o professor tem como função ajustar e moldar o currículo para que este seja viável e adaptado aos alunos.

Na opinião de Alarcão (1982) ser professor é basicamente ser capaz de tomar decisões face ao processo de ensino/aprendizagem, no sentido de o conduzir para um melhor rendimento educativo.

Matos (1989), defende que a actividade do professor admite diferentes tarefas, exigindo assim: diversos conhecimentos como meio de as resolver; capacidade de análise do aluno, de modo a integrar na resolução das tarefas

os seus interesses e necessidades; habilidades e hábitos, de maneira a resolvê-los com qualidade e eficácia.

O reconhecimento da importância do papel do professor no processo de ensino/aprendizagem tem conduzido ao crescente interesse de investigadores sobre o professor e as suas práticas. Tal como menciona Hargreaves (1994, p.9), *“nos últimos anos tivemos de reconhecer que o professor é a chave derradeira para a mudança na educação e para a melhoria da escola. (...) É aquilo que os professores pensam, aquilo em que crêem e aquilo que fazem ao nível da sala de aula que em última análise define o tipo de aprendizagem feita pelos alunos”*. Em concordância com esta afirmação, o que o professor faz, as tarefas que apresenta e o clima de aprendizagem que propicia, influencia a aprendizagem dos alunos, daí que, as atenções estejam cada vez mais voltadas para o professor, enquanto responsável pela qualidade do ensino. Neste sentido, considera-se ser indispensável a análise do processo de ensino, com a finalidade de *“perceber como os profissionais resolvem os conflitos e dilemas que se lhes apresentam no dia-a-dia, que competências manifestam quando põem em prática uma inovação e que saberes compõem o seu conhecimento profissional”* (Guimarães, 1996, p.10).

Deve ter-se em consideração que a acção e o pensamento do professor influenciam nitidamente as aprendizagens dos alunos, visto que o docente é o elemento essencial na condução do processo de ensino/aprendizagem. Neste sentido, o docente é encarado como alguém detentor de convicções e concepções que, de certo modo, determinam e/ou influenciam a sua acção pedagógica (Ponte et. al., 1998).

Podemos então concluir que a actividade pedagógica do professor se desenvolve pela relação existente entre a teoria e a prática. As decisões tomadas pelo professor originam um conhecimento e uma acção que se interligam e complementam, resultado da análise e reflexão permanentes ao longo da sua actividade (Silva, 2009).

Quanto às perspectivas de trabalho para quem segue a profissão docente não são muito reconfortantes. Para se conseguir colocação, existem áreas especialmente críticas. O candidato a professor deve estar ciente de que

está a seguir por um caminho inconstante em termos de colocação, sobretudo no começo da carreira. *“Em termos de evolução recente, a mais importante mutação registada no campo da formação profissional é da passagem de uma relação de previsibilidade em relação ao mundo do trabalho para um outro tipo de relação marcado pela incerteza”* (Canário, 2001, p.34).

“ Entre os deveres do professor de Educação Física conta-se o de conduzir, durante toda a sua vida profissional, um combate permanente consigo próprio, a fim de poder desempenhar a incumbência social de educação da juventude com uma motivação elevada, concordante com o valor que atribui à sua profissão.”
(Bento, 1987).

O Professor de Educação Física

Actualmente, a Educação Física (EF) é vista como uma disciplina que possui menor “valor” ao contrário de outras disciplinas. Isto acontece porque muitas das vezes são os próprios professores que conferem uma fraca eficiência aos programas apresentados nesta área. Neste sentido, compete aos docentes de EF modificar esta ideia, reflectindo assim o ensino para que se possa conhecer quais as expectativas dos alunos acerca da disciplina, bem como o conhecimento das suas necessidades, no sentido de tornar o planeamento do trabalho o mais rigoroso e assertivo possível (Etchepare et.al., 2005).

Desempenhar de forma competente a função de docente, requer um grande número de exigências. Estas exigências vão desde o ter conhecimento especializado e consequentemente a capacidade de o transmitir até à competência de se relacionar para tornar o processo atractivo e capaz de surtir efeito nos alunos. Neste sentido, o sucesso nas aprendizagens provém, na

maioria das vezes, da qualidade do ensino, ou seja, da capacidade do professor em criar condições de sucesso aos alunos.

Os professores em geral e mais especificamente os professores de EF, são forçados a uma adaptação às necessidades dos discentes. É-lhes exigida uma permanente actualização dos conhecimentos e um aperfeiçoamento da competência em geral, e tudo isto acontece num período em que cada vez é mais complicado alcançar a excelência profissional.

De acordo com Jacinto (2003), a competência profissional do professor é definida em termos de comportamento ou desempenho, sendo sinónima de acção, conduta docente, estando directamente relacionada com a situação de ensino. A competência revela-se através da manifestação de comportamentos ou desempenhos reconhecíveis, específicos e limitados.

Completando esta ideia, Rodrigues (2007, p.11) refere que as competências são cada vez mais “*complexas e diversificadas*”. Deste modo, espera-se que o docente seja competente num vasto leque de domínios, que vão desde o conhecimento científico da matéria que ensina, à sua aplicação pedagógica, ao recurso a metodologias de ensino, de animação de grupos e atenção à variedade.

Metzeler (2000), adaptado de Shulman (1987) divide o conhecimento base do professor em diferentes categorias:

- Conhecimento do conteúdo;
- Conhecimento pedagógico do conteúdo;
- Conhecimento pedagógico geral;
- Conhecimento dos contextos educativos;
- Conhecimento dos alunos;
- Conhecimento dos objectivos educativos.

O conhecimento do conteúdo é indispensável, pois é impossível ensinar-se aquilo que não se sabe. No entanto, para que se consiga fazer chegar aos alunos a matéria a ensinar, é essencial torná-la compreensível, o que só é possível através da interacção das diversas categorias do conhecimento, originando assim um processo de ensino eficaz.

A rapidez com que ocorrem as alterações constantes das tecnologias, dos materiais, do nível de conhecimento a dominar, o aumento de novas responsabilidades e exigências leva, muitas vezes, à dificuldade de as acompanhar.

Tal como defende Rebelo (2009, p.12) *“novas necessidades de formação, originadas pelas maiores exigências do mercado, das tecnologias, das técnicas e dos saberes implicam uma predisposição mais activa e reflexiva”*.

Para que os professores de EF consigam encarar os recentes desafios fomentados pelas constantes mudanças na sociedade, devem patentear a criatividade, as atitudes de iniciativa e devem ser voluntariosos (Feitosa e Nascimento, 2006).

Desta forma, o melhoramento da qualidade de ensino da EF, de certa forma, depende da formação inicial e contínua dos seus docentes (Carreiro da Costa et al., 1996). Durante a formação profissional docente devem ser fornecidas diversas missões para que o professor colabore assim na aprendizagem dos seus alunos. O docente deve estar empenhado num processo de aperfeiçoamento pessoal tendo por base uma reflexão contínua acerca da sua própria acção pedagógica, sendo assim um prático reflexivo (Piéron, 1996).

“A socialização do professor de Educação Física, enquanto processo que ocorre ao longo da vida, envolve diversos tipos de influência em diferentes contextos: das experiências anteriores em Educação Física e no(s) desporto(s) à formação inicial, das culturas organizacionais das escolas ao senso comum sobre as actividades físicas, passando pelas pessoas que marcam significativamente o percurso social dos indivíduos. Assim, devemos reconhecer que a formação inicial não constitui um momento único de socialização para a ocupação de professor, mas que se situa num ponto central, entre as experiências, os valores e as crenças para aí transportadas pelos alunos e aquelas que vai encontrar no (futuro) local de trabalho” (Costa et al. 1996, p.57).

Enquadramento

Biográfico

II - Enquadramento Biográfico

Sou natural de uma linda cidade chamada Póvoa de Varzim. Foi lá que passei toda a minha infância e foi lá também que se iniciou a minha experiência desportiva.

Recordo-me que, ainda muito pequenina, no infantário, já tinha aulas de ginástica intercaladas com aulas de dança, aulas essas que adorava realizar. Posteriormente, na escola primária, iniciei o meu percurso na natação (modalidade que sempre adorei) e posteriormente nas competições desta modalidade.

No ano em que transitei para o 6º ano, por teimosia de uma amiga e também por alguma curiosidade, aventurei-me num treino de Basquetebol no Clube Desportivo da Póvoa. De imediato me apaixonei pela modalidade e a partir desse momento continuei a frequentar os treinos assiduamente e tornei-me federada. Permaneci na equipa durante dois anos.

No Verão do ano de 1999, mudei-me para a cidade de Vila Nova de Gaia. Foi um ano muito doloroso, pois fui para outra cidade onde não conhecia nada nem ninguém, contudo após o início das aulas e a boa recepção que tive por parte dos meus colegas toda a minha frustração e angústia desapareceram. Nesse mesmo ano entrei para uma equipa de Basquetebol feminino designada por Grupo Desportivo Bolacesto onde continuei a ser federada.

No 9º ano, ano esse em que temos de “escolher” qual a área por onde desejamos enveredar e qual a que tem mais a ver connosco e comecei a investigar quais as escolas mais apropriadas para o meu objectivo profissional de já há algum tempo: ser professora de Educação Física. Após alguma busca concluí que a escola mais apropriada para a minha escolha seria o Colégio de Gaia. No ano lectivo de 2001/2002 matriculei-me então no Curso Tecnológico de Animação e Gestão Desportiva no Colégio de Gaia. Durante os três anos lectivos que frequentei aquele estabelecimento de ensino enriqueci a minha cultura desportiva, pois não só tive disciplinas mais direccionadas para o Desporto como também pratiquei variados desportos no âmbito do Desporto

Escolar, tais como, Ginástica Aeróbica, Ténis e Natação. Simultaneamente continuava com os treinos e jogos de Basquetebol, contudo, após quatro anos de integração no Grupo Desportivo Bolacesto e com bastante pena minha, tive de desistir devido a incompatibilidade de horários.

Após a conclusão do Ensino Secundário chegou o momento mais esperado: a entrada para a Faculdade de Desporto. O primeiro ano na Faculdade foi um pouco complicado, como acho que é para qualquer “caloiro”, pois estamos num local onde talvez nos sintamos um pouco “perdidos” e onde as exigências tanto a nível mental como físico nunca antes nos tinham sido exigidas. No entanto estava felicíssima e muito satisfeita por fazer parte de tão nobre Faculdade.

O “bichinho” do Basquetebol ainda não tinha desaparecido e por isso mesmo, no ano de 2005 decidi inscrever-me no curso de árbitros da Associação de Basquetebol do Porto e durante toda essa época desportiva desempenhei as funções de árbitra. Foi uma experiência inesquecível e bastante enriquecedora, contudo desisti devido à pressão e insegurança que sentia. Esta situação reportou-se também um pouco para o Estágio Profissional, pois quando sabia que as minhas aulas estavam a ser observadas ficava bastante nervosa e sob alguma pressão. No entanto ao longo deste percurso consegui resolver este meu “problema”.

Olhando agora para trás, vejo que o Desporto sempre esteve presente em todo o meu percurso de vida. Neste sentido todos os valores transmitidos, tudo o que me foi ensinado, toda a prática desportiva e formação académica pelas quais passei e “abriguei” ajudaram a construir a pessoa que hoje sou. Assim sendo, gostaria imenso de poder transmitir tudo o que de bom aprendi com o Desporto, contribuindo assim para a formação de muitas crianças e jovens...

Formação de Professores

Nos dias que correm, enveredar por uma carreira docente, é sem qualquer dúvida optar por um futuro incerto. Este facto acontece não só pela perda de reconhecimento que um dia a classe possuiu, como também pela inconstância do posto de trabalho. Assim sendo, após ter passado por uma etapa de formação, o futuro professor defronta a sua futura profissão com algumas restrições e inseguranças.

Devido às enormes modificações sociais que presenciamos, as alterações na escola como lugar singular de formação de cidadãos activos e responsáveis, são indeclináveis. Estas alterações suscitam novos conceitos de educação e formação (Cardoso, 2009).

Tal como refere Fernandes (2000), a concepção de escola é também modificada, passando a ser encarada como uma instituição dinâmica e detentora de sentido. Igualmente a visão da profissão docente é alterada, pois o professor passa a ser visto como alguém capaz de reflectir, questionar criticamente e, se necessário for, modificar as suas práticas, contestando assim a concepção tradicional, que vê o docente apenas como um técnico que utiliza os princípios e teorias que outrora foram concebidos.

Os desafios colocados pela sociedade para que a escola os consiga ultrapassar são cada vez mais rigorosos e diversos. Ao sistema educativo em geral e aos docentes em particular são lançados novos reptos, pondo assim à prova a sua aptidão em dar resposta a uma realidade inesperada e diferenciada (Monteiro, 2008).

A formação e o desenvolvimento profissional dos professores têm de acompanhar todas estas mudanças, através da melhoria de “*culturas reflexivas, críticas e colaborativas, que incentivem o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores*” (Cardoso, 2009).

De acordo com Formosinho (2001, p.47) “*A formação de professores tem algumas especificidades em relação à formação de outros profissionais, mesmo em relação a outros profissionais de serviço. Há especificidades intrínsecas à profissão docente – a docência é uma profissão que se aprende pela vivência da discência. Em primeiro lugar, a docência é uma profissão que*

se aprende desde que se entra na escola pela observação do comportamento dos nossos professores.”

Segundo Monteiro (2008), o sistema de formação divide-se em dois subsistemas indispensáveis e são eles a formação inicial e a formação contínua ou permanente. A formação inicial refere-se à aquisição de saberes essenciais, competências práticas, atitudes e comportamentos fundamentais e básicos para o exercício da docência, visando e fomentando a inserção no mercado de trabalho. A formação contínua ou permanente visa todos os processos de aprendizagem decorrentes da formação inicial, tendo em vista a adaptação dos saberes às transformações e às exigências.

O professor depara-se com uma pluralidade e variedade de situações. Dada a multiplicidade e a imprevisibilidade do ensino, por muito mais ajustada e complexa que fosse a formação inicial, jamais concederia ao futuro docente todas as competências necessárias ao desenvolvimento da docência (Damião, 1997).

A formação inicial não deve ser vista como uma vacina, que a partir do momento que é administrada, actua por um longo período de tempo, mas sim como uma fase inicial de conhecimento que possibilita o acesso a instrumentos que permitirão a aquisição de maior eficiência, visto que a formação de professores só é eficaz se for contínua (Monteiro, 2008).

Esta ideia é corroborada por Rodrigues (2007), pois defende que ao contrário do que se passou há alguns anos, hoje *“procura-se que os professores se comprometam com processos de formação identificados com um modelo de desenvolvimento profissional entendido como um processo contínuo ao longo de toda a vida profissional.”*

No campo da formação de professores, a questão da identidade profissional deve ser mais problematizada. A actuação do professor não se pode resumir apenas à transmissão de informações, pois o docente deve estar sempre disposto para diferentes formas de pensar, dominar assuntos interessantes e relevantes para os alunos no sentido de lhes captar a atenção e suscitar-lhes o interesse e curiosidade para a matéria a leccionar.

Honoré (cit. por Garcia, 1999, p.22) vê a formação *“como uma actividade humana inteligente, que se caracteriza como uma actividade relacional e de intercâmbio, com uma dimensão evolutiva e destinada a atingir metas conhecidas”*. Garcia (1999, p.22) reforça esta ideia referindo que *“a formação de professores representa um encontro de pessoas adultas, uma interacção entre formador e formando, com uma intenção de mudança, desenvolvida num contexto organizado e institucional, mais ou menos delimitado”*.

Para Marcelo Garcia (1999, p.27) existem oito princípios que devem ser examinados no processo de formação de professores e são eles:

- Ser um processo de desenvolvimento profissional contínuo;
- Considerar os processos de mudança, inovação e desenvolvimento curricular;
- Interagir com o desenvolvimento organizacional da escola;
- Dinamizar a articulação dos conteúdos académicos e disciplinares com a formação pedagógica;
- Promover a relação entre a teoria e a prática;
- Fomentar uma interligação entre o conhecimento do conteúdo e a forma como este é transmitido;
- Contemplar o princípio da individualização como elemento preponderante de qualquer programa de formação;
- Conceder aos professores a possibilidade de questionarem as suas próprias crenças e práticas institucionais.

Albuquerque et. al (2005, p.20), remetendo-se ao que foi mencionado anteriormente, diz que *“estes princípios não esgotam a multiplicidade de aspectos que a formação de professores pode e deve contemplar. Representam, no entanto, um quadro de referência para a nossa concepção de formação de professores e dos respectivos modelos de desenvolvimento”*.

Neste sentido, os princípios referidos podem servir, não só como base para novas concepções sobre a formação de professores, como também para a reformulação dos propósitos e estratégias utilizadas no processo de formação.

O Estágio Profissional

O EP é um elemento valioso e fundamental para o enriquecimento do processo de formação de futuros docentes.

Nesta fase o estudante estagiário vive num binómio professor/aluno, visto ter o papel de professor, responsável pelos seus alunos e, ao mesmo tempo, o de estudante ainda em formação. Neste sentido, esta condição acarreta consigo alguns constrangimentos, tornando claras fragilidades que derivam da tensão entre teoria e a prática (Albuquerque, Graça & Januário, 2005).

Para uma grande parte dos estudantes, esta nova etapa constitui-se como o primeiro contacto com a profissão docente, apresentando-se como uma fase fundamental e indispensável, onde há um encontro entre o que foi aprendido durante a formação inicial e o que é posto em prática na realidade do ensino, ou seja, uma convergência entre a teoria e a prática.

O “*choque da prática*” (Bento, 1995) é o momento ideal para o estagiário pôr em prática o que aprendeu na Faculdade. Numa outra perspectiva, esta experiência propicia a estruturação e a aprendizagem de competências de ensino graças a um trabalho de interpretação e de análise contextualizada (Calderhead, 1989).

Neste sentido, o estudante estagiário deve possuir conhecimentos sobre aspectos didáticos e pedagógicos, pois tem um papel fundamental no processo educativo onde terá de responder a uma variedade de tarefas, tarefas essas particulares, complexas e muitas vezes imprevistas. Deve ainda diferenciar o dispensável do fundamental e ter a capacidade de agir e decidir em situações menos fáceis.

“A experiência profissional de um professor de Educação Física não pode ser apenas transmitida pela palavra ou escrita, só através da acção esta pode ser veiculada” (Pereira, 2006, p.24).

O ano de estágio propicia aos professores estagiários a compreensão e apreensão dos problemas e dificuldades do quotidiano escolar, facilitando assim a inclusão no meio profissional e escolar.

De acordo com Pereira (2006, p.25), em termos pessoais, esta passagem pelo EP *“quando bem sucedida, permite aos estagiários a possibilidade de reforçar os seus sentimentos de competências e desenvolver a capacidade de encarar as eventualidades da vida profissional, desenvolvendo nomeadamente o seu potencial relacional com os parceiros educativos, a confiança em si mesmos, a sua identidade moral e ética e ainda a autonomia e sentido de responsabilidade”*.

Tal como defende Albuquerque, Graça & Januário (2005) é de realçar que a complexidade do processo de ensino/aprendizagem e o tempo necessário para que o futuro docente alcance a maturidade que do ponto de vista profissional se considere plena, explique que a sua formação inicial compreenda diversas áreas em que os professores aprendam a indagar criticamente e reflectir a sua acção no decorrer da carreira. Este é o “segredo” do processo de aprender a ensinar.

Expectativas em relação ao Estágio Profissional

O começo de uma actividade profissional trata-se de uma fase muito importante, distinta e decisiva na nossa vida. Esta etapa constitui um desafio e por isso é vivida com bastante entusiasmo mas também com alguma inquietação e receio. As expectativas, ideais e perspectivas cruzam-se com sentimentos de ansiedade e apreensão face às novas responsabilidades.

As minhas expectativas quanto ao EP eram enormes, pois finalmente tinha chegado o momento tão esperado. Visto o meu desejo passar por ser Professora de Educação Física iria passar pela experiência de o ser, mesmo que apenas por um ano lectivo. Finalmente chegou a hora de pôr em prática toda a teoria e aprendizagem que adquiri e que tanto me enriqueceu nos quatro anos passados na tão nobre Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Aprender o mais possível com quem sabe e tem muito mais experiência do que eu era o meu principal objectivo que felizmente se concretizou.

Relativamente à Escola onde decorreu o meu EP, inicialmente fiquei um pouco apreensiva, pois não a conhecia. Tratou-se da Escola E.B. 2/3 de Leça do Balio e fiquei surpreendida pela positiva pois fui muito bem recebida por todos os seus elementos, tanto professores, funcionários como alunos. Senti-me integrada, senti-me um elemento activo e respeitado num meio onde me sentia muito bem.

Relativamente à **Turma** que leccionei, tratou-se de uma turma do 8º ano (turma B), constituída por vinte e um alunos dos quais nove eram do sexo masculino e doze do sexo feminino. Eram alunos provenientes de classes sociais bastante distintas com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos. No início senti-me bastante apreensiva e receosa com a turma que iria leccionar, pois não os conhecia e sendo uma professora jovem e inexperiente tinha medo que a falta de respeito e indisciplina fossem uma constante. No entanto esta turma mostrou-se uma “caixinha de surpresas”, pois ao longo do ano lectivo revelaram-se adolescentes bastante simpáticos, com bons princípios e apesar de serem um pouco distraídos, inquietos e por vezes barulhentos nunca mostraram qualquer comportamento disruptivo nem falta de educação o que levou a uma óptima relação entre todos nós, criando um bom ambiente nas aulas. Senti-me uma felizarda ao leccionar esta turma.

Quanto ao meu **Núcleo de Estágio**, este foi constituído por mim e por mais dois colegas (Bruno Pinheiro e Luís Silva). Não conhecia muito bem os meus colegas, pois não tínhamos uma relação de amizade, no entanto, ao longo de todo o ano lectivo essa relação de amizade nasceu, pois apoiamo-nos imenso em todos os aspectos e sabemos que podemos contar sempre uns com os outros.

Relativamente ao **Professor Cooperante** foi uma pessoa que me surpreendeu imenso pela positiva. Estava um pouco apreensiva no início pois não sabia como seria trabalhar com o Mestre Rui Pacheco, no entanto revelou-se uma pessoa bastante simpática e dedicada que me incentivou imenso, e acima de tudo uma pessoa que me transmitiu bastantes conhecimentos e experiências estando sempre disponível para tudo o que precisei. Foi um apoio

fundamental no meu crescimento, não só como docente mas também como pessoa.

Em relação à **Orientadora** da Faculdade, Professora Doutora Paula Queirós, com a qual já tive a oportunidade de ter aulas de Pedagogia, é uma excelente professora, pois sei que posso contar sempre com o seu apoio e disponibilidade, pois orientou-me da melhor forma e acima de tudo auxiliou-me e incentivou-me nos momentos mais difíceis e de maior desânimo.

O **Grupo de Educação Física** da Escola era constituído por professores bastante experientes, que se mostraram sempre muito simpáticos e disponíveis. Tiveram também um papel fundamental na nossa integração na Escola, estando também sempre prestáveis para nos ajudarem nas diferentes actividades que efectuamos.

Agora, e já no final do EP, sinto-me uma pessoa afortunada, pois consegui atingir muitos dos meus objectivos, apesar de ter errado muitas vezes e assim aprender com esses mesmos erros. Apesar de ter um pouco mais de conhecimento, a minha formação não termina por aqui pois ainda terei muito para aprender, muitas experiências por passar, muitos erros para cometer e, espero eu, muitas oportunidades para os emendar.

Esta foi uma experiência única e bastante enriquecedora, pois forneceu-me alicerces bastante fortes para continuar a “construir” a minha aprendizagem.

Enquadramento da Prática Profissional

III - Enquadramento da Prática Profissional

O papel da Educação Física na Escola

“A pertinência da EF na Escola decorre da sua importância para o desenvolvimento integral do jovem, através de experiências que privilegiam o fair-play, o respeito pelo adversário, o sentido lúdico, a vivência e a experimentação” (Rebelo, 2009, p.17). Compete então aos docentes de EF operacionalizar as grandes potencialidades pedagógicas que o Desporto possui.

Com o progresso da tecnologia, as crianças e jovens têm à sua disposição todo um conjunto de ofertas tecnológicas e neste sentido existe uma tendência para a diminuição da prática desportiva. Esta situação é insustentável, visto que o movimento é fundamental para o desenvolvimento quer da formação de valores humanos, quer do aperfeiçoamento físico ou das potencialidades criativas. Neste sentido cabe à EF, cujo objecto de ensino são precisamente as actividades físicas e desportivas, defender e cumprir um papel essencial na motivação das crianças e dos jovens para enveredarem por um caminho repleto de hábitos desportivos, levando a um estilo de vida saudável.

Infelizmente é evidente o decréscimo de espaços ao ar livre destinados à brincadeira e ao jogo. Assim, é na Escola que imensas crianças e jovens vêem a única ocasião de prática desportiva. Esta situação vem reforçar ainda mais, o *“valor pedagógico”* e a importância da EF, designadamente através do *“conjunto de contributos e riquezas patrimoniais específicas, que não podem ser promovidas por qualquer outra área ou disciplina do currículo escolar”* (CNEB, 2001).

De acordo com Matos e Graça (1991), as aulas de EF devem mostrar-se gratificantes, estimulando a alegria e o prazer, devem ser motivantes e relevantes para os alunos, ou seja, estes devem sentir que adquirem algo, que vale a pena aprender e que essa aprendizagem lhes é imprescindível. Deste modo, o docente de EF deverá direccionar o ensino para as motivações e

desejos dos seus alunos, influenciando-os positivamente nas suas posturas e acções, para que consigam manter um estilo de vida saudável.

Tal como defende o CNEB (2001), o percurso educativo das crianças deve ser visto como uma negação ao “*analfabetismo motor*”, que deverá ser inexistente nos jovens no final da escolaridade básica, devendo ser incluídos um misto de conhecimentos, atitudes, hábitos e capacidades no âmbito da disciplina. Esse trajecto leva à aprendizagem de competências em distintos domínios, num claro sinal de aplicação das experiências motoras vividas, sem as quais fica comprometida a essência da própria disciplina, tendo como pano de fundo a perseguição constante da qualidade de vida, da saúde e do bem-estar.

A auto-disciplina, o empenho, o esforço e a perseverança são indispensáveis no processo de desenvolvimento dos alunos. Este processo, que tem como principal objectivo a superação e o aperfeiçoamento, passa pela responsabilidade e autonomia dos discentes na execução da sua própria prática. Para isto, é de extrema importância o cumprimento das regras estabelecidas, não só as regras relativas à participação nas diferentes actividades como também as de funcionamento e segurança nos espaços de actividade.

De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (2001), os principais objectivos desta disciplina, na perspectiva da qualidade de vida, da saúde e do bem-estar são:

- A garantia de actividade física apelativa e motivadora, qualitativamente adequada e em quantidade suficiente, indicada pelo tempo de prática nas situações de aprendizagem, ou seja, no treino e descoberta das possibilidades de aperfeiçoamento pessoal e dos companheiros, e numa perspectiva de educação para a saúde;
- Assegurar a aprendizagem de um conjunto de matérias representativas das diferentes actividades físicas, promovendo o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno, através da prática de:

- Actividades físicas desportivas nas suas dimensões técnica, táctica, regulamentar e organizativa;
 - Actividades físicas expressivas (danças), nas suas dimensões técnicas, de composição e interpretação;
 - Actividades físicas de exploração da Natureza, nas suas dimensões técnica, organizativa e ecológica;
 - Jogos tradicionais.
- Fomentar o gosto pela prática regular das actividades físicas e assegurar a compreensão da sua importância como factor de saúde e componente da cultura, na dimensão individual e social.
- Promover a formação de hábitos, atitudes e conhecimentos relativos à interpretação e participação nas estruturas sociais, no seio dos quais se desenvolvem as actividades físicas, valorizando:
 - A iniciativa e a responsabilidade pessoal, a cooperação e a solidariedade;
 - A ética desportiva;
 - A higiene e a segurança pessoal e colectiva;
 - A consciência cívica na preservação de condições de realização das actividades físicas, em especial da qualidade do ambiente.

Segundo Bento (1998), visto a EF ser a única disciplina curricular que tem o Desporto como forma específica de lidar com a corporalidade, continua a possuir as suas obrigações, e neste sentido está assente num sistema de comportamentos culturais assinalados por regras, normas e convenções socioculturais, que apontam para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Apesar disto, o evidente potencial e verdadeiro valor da EF não é reconhecido.

Várias investigações relativas à importância da EF e dos seus principais objectivos mostraram que os professores e alunos possuem diferentes entendimentos em relação à disciplina. Verifica-se que a EF, aquando da sua legitimação como disciplina curricular, é definida maioritariamente por

argumentos que lhe são externos do que exactamente pelo reconhecimento das suas singularidades, como é o facto de ser a única na qual o processo de ensino e aprendizagem acontece preferencialmente pela corporalidade, com o objectivo de atingir o desenvolvimento cognitivo, afectivo e social do indivíduo Brandão (2010).

Bento (1999) defende que uma das concepções que retira valor e mérito próprio à EF é que esta serve como tempo e espaço de compensação das restantes disciplinas escolares.

Autores como Tannehill et al. (1994), dizem que os alunos têm a EF como não sendo uma disciplina igual às outras, servindo apenas para o divertimento, sem preocupações com a aprendizagem.

Assim, ao contrário da concepção errada que muitos possuem da EF, esta deve integrar o aluno na cultura corporal do movimento, transmitindo-lhe conhecimentos sobre a saúde, sobre as várias modalidades desportivas, moldando o conteúdo das aulas à particularidade de cada discente e à fase de desenvolvimento em que se encontra. *“O desenvolvimento das potencialidades de cada um não pode nunca ser efectuado de forma selectiva, mas sim tendo em vista a inclusão de todo e qualquer aluno”* (Brandão, 2010, p.20). Assim, os alunos não devem ficar com a ideia de que a aula de EF é apenas um momento de recreação e lazer, mas sim uma aula igual a tantas outras, carregadas de conhecimentos e saberes essenciais.

Neste sentido, e com o intuito de mudar a mentalidade de quem não conhece realmente a EF nem compreende quais os seus objectivos e finalidades, é crucial que o docente de EF diversifique e inove a transmissão e ensino dos conteúdos da aula, devendo ser criativo e original nos exercícios e tarefas que propõe tornando assim as aulas dinâmicas, interessantes e únicas.

Apesar da disciplina ainda levantar alguma controvérsia, não podemos esquecer que a EF, a par com a Língua Portuguesa, marca presença no Currículo Nacional desde o 1º Ciclo até ao Ensino Secundário. Se isto acontece é porque alguém “reparou” na sua verdadeira importância, pois é a única disciplina com preocupações corporais e que dá um grande contributo na formação integral dos jovens.

Como ideia final, a EF e o Desporto são essenciais no decurso da formação do ser humano, no processo educativo e principalmente como parceiros de toda uma vida.

A Educação

Visto que, num futuro (espero eu) próximo, serei professora e consequentemente educadora, penso ser pertinente abordar o tema “Educação”.

Desde a antiguidade clássica que a educação é vista como uma arte de aperfeiçoar homens, conferindo plenitude e alimento ao corpo e à alma. Através da educação, a pessoa consegue uma base forte, essencial à sua formação individual e especializada (Delors, 2001).

Na opinião de Fullat (1989) a educação pode ser considerada como uma acção, uma actividade social ou uma prática e Boff (2000) completa, dizendo que conduz o ser humano à superação dos seus limites e à procura de novos saberes, designando esta experiência por “*transcendência*”.

Antunes (1973, p.11), defende que a educação representa “*toda a aquisição, transmissão, renovação e criação de ideias, de comportamentos, de formas e de símbolos expressivos. Mais sinteticamente: educação é o reflexo e o projecto de uma cultura*”.

Para Silva (2009, p.11) “*só conseguimos educar aquele que aceita ser educado*”. Esta afirmação tem sentido quando verificamos que, apesar de todos termos a noção da importância da educação, a sociedade actual está cada vez mais absorvida por atractivos e distrações que muitos não conseguem resistir, distanciando cada vez mais as crianças e jovens da vontade de serem educados. No entanto, Guerra (2008) defende que sem educação, atitudes correctas e valores é impossível formar pessoas sensíveis, equilibradas e felizes, visto ser indispensável responder aos requisitos das civilizações futuras, pois visam ser cada vez mais complexas, não só em

termos de tecnologia, mas também em termos das exigências emocionais e de consciência.

A mesma autora (Guerra, 2008, p.28) explica que a origem etimológica da palavra educação resulta do termo latino “*educare*”, que significa “*conduzir de dentro para o exterior*” e do grego “*eduka*”, que significa “*desenvolvimento da sabedoria interior*”. Neste sentido, alega ainda que é através da exteriorização que conseguimos comunicar e ensinar, contudo, para existir comunicação deve existir empatia, alguma motivação relacionada com uma boa vivência interior, algum interesse.

De acordo com as palavras da autora, “*o período de educação ou iniciação de uma criança ou jovem deveria ser o momento mais belo e criativo de qualquer ser humano. Esta deveria proporcionar-lhe espaço e oportunidade para empreender uma viagem interior, única e muito especial, em que aprendesse a amar-se, a conhecer-se, purificando e aperfeiçoando tudo o que a prepararia para enfrentar o mundo e os outros com segurança e afirmação*” (Guerra, 2008, p.29).

Lovisoló (1997) corrobora com esta reflexão de educação, pois defende que uma situação só poderá ser considerada como educativa quando achemos que beneficia o crescimento de competências ou domínios cognitivos, motores e sociais. No entanto, existem situações bloqueadoras do desenvolvimento que podem ser encaradas como “*não-educativas*” e até mesmo como anti-educativas e repressoras. Logo, para se ser um bom educador, é mais benéfico para a criança que este proporcione condições para uma aprendizagem activa, do que propriamente seja alguém que se caracterize pelo seu conhecimento e aptidão para ensinar.

O mesmo autor refere que crê “*que o vector ou a ideia dominante das pedagogias contemporâneas reside em pensar que a sua principal função é ajudar a desenvolver potencialidades, competências ou propriedades prefiguradas nos indivíduos. Trata-se, então, mais de desenvolver coisas interiores do que interiorizar coisas exteriores. Neste sentido, o papel do pedagogo é o de um facilitador, um criador de oportunidades, um criador de situações educativas que possibilitem o desenvolvimento das potencialidades*

biológicas, psicológicas ou culturais. O educador torna-se assim um facilitador e acelerador de processos de desenvolvimento, basicamente, criando o ambiente ou condições adequadas para a interacção das crianças que favoreça o seu desenvolvimento” (Lovisol, 1997, p.32).

Concentrados nestes objectivos, os educadores trabalham no sentido de conseguirem que a educação na Escola forneça bases estruturadas, fortes e equilibradas às crianças e jovens, no sentido de vingarem na vida, enfrentando problemas, frustrações e permanentes desafios.

Bento (1995), defende que o ensino e Escola aparecem como o meio e o local onde a Educação procura atingir a excelência do seu processo.

Para além de ter responsabilidade tanto no processo ensino-aprendizagem como nos conteúdos a abordar, a Escola não pode desleixar-se do papel de educar. *“Os jovens de hoje exigem mais de si, de quem os educa e do mundo ao redor”* (Silva, 2009, p.13).

Nos dias que correm, debate-se sobre o que fazer para manter a criança na escola com um nível de aprendizagem significativo, numa relação de afecto, compreensão e prazer (Pigatto, 2007). Na opinião da mesma autora, e continuando na mesma perspectiva educativa, não se pode actuar com a percepção do certo ou errado, visto a educação hodierna ser entendida como um processo contínuo com vista à autonomia do ser humano, concentrando a aprendizagem no educando e no seu grau de interesse. A educação está a cargo de uma equipa e não podendo ser fraccionada. Deve considerar-se o todo respeitando a diversidade.

Pretendemos que os nossos alunos possuam *“a liberdade para criar, onde possam agir com os seus corpos, manifestando as suas emoções, que desfrutem daquilo que façam. Por outro lado, que aprendam igualmente a agir com responsabilidade, que tenham obrigações, que cumpram deveres e que vejam o mundo com um olhar mais universal e não tão egocêntrico, como acontece com muitas crianças. (...) Esta é a forma de formarmos indivíduos equilibrados, de consciência ampla, autónomos e livres”* (Silva, 2009, pp.14-15).

Pigatto (2007), é da opinião que a escola não tem como compromisso resolver todos os problemas, mas deve definir limites e escolher estratégias fiáveis que possibilitem atingir os propósitos com uma perspectiva de futuro. Deve ser uma instituição acolhedora distinguindo-se pelo desenvolvimento do afecto, de conhecimento e do prazer de aprender. A escola tem que reflectir alternativas de vida e de convívio social.

É o envolvimento de todos os segmentos e de todos os cidadãos no processo educativo que leva ao êxito da educação e não apenas o desempenho dos técnicos do sistema de ensino. Como refere Cabanas (2002, p.268), a educação está *“longe de ser uma realidade inteligível, simples e harmónica”*.

- Os Pilares da Educação

A UNESCO propôs quatro pilares da educação que foram resumidos e expostos no relatório, datado de 1996, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, coordenada por Jacques Delors. Tiveram como principal finalidade declarar a sua crença na educação, pois acreditam que o seu papel fundamental é o desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas como das sociedades, dando maior ênfase à formação das crianças e jovens, que são o nosso futuro (Couto, 2006).

Para Delors (2001, p.89), a educação é como um conjunto de *“mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele”*. (Delors, 2001, p.89).

Assim, nós educadores, devemos organizar a educação de acordo com os quatro pilares essenciais que, no decorrer de toda a vida das crianças e jovens, serão os pilares elementares do conhecimento humano.

Os quatro pilares da educação propostos são: “ *«aprender a conhecer», isto é, adquirir os instrumentos de compreensão; «aprender a fazer», para poder agir sobre o meio envolvente; «aprender a viver juntos», a fim de participar e cooperar com os outros em todas as actividades humanas;*

finalmente «aprender a ser», via essencial que integra os três precedentes» (Delors, 2001, p.90).

Cada pilar é único, no entanto todos se inter-relacionam e estão inerentes à formação do indivíduo. Neste sentido, a educação é vista como essencial no desenvolvimento de competências que irão permitir às crianças e jovens o seu amadurecimento enquanto pessoa, preparando-a tanto para o mundo profissional como também para deixar a sua marca como cidadão activo na sociedade. *“Cada pilar retrata, na sua caracterização, meios e possibilidades de actuação junto aos educandos, mas são interdependentes no fim a que se propõem”* (Couto, 2006, p.128).

- Aprender a conhecer: Este pilar não se refere unicamente ao armazenamento de conhecimentos delineamentos pela escola como a física, a química, as ciências naturais, a matemática, etc., mas transpõe esses limites e permite ao ser humano a expansão e o aprofundamento de toda uma cultura adquirida ao longo da sua vida escolar, transportando-a ao longo de todo o seu percurso de vida.

Como mola impulsionadora deste pilar temos a criatividade e a vontade em aprender.

“O grande foco deste pilar está centrado em «como fazer» e não em «o que fazer», em «como ensinar» e não em «o que ensinar», a fim de que o conhecimento perpassasse por uma construção social, pautada pelos princípios éticos da liberdade e autonomia, possibilitando a estruturação de uma base solidificada de conhecimentos que influenciarão directamente na criação e na recriação” (Couto, 2006, p.129).

- Aprender a fazer: O fazer remete-nos directamente para o conhecer. Os conhecimentos obtidos durante toda uma vivência escolar são associados e aplicados na vida profissional.

O aprender a fazer relaciona-se com o preparar o sujeito não só para poder encarar a vida quotidiana, mas também a vida profissional, *“numa visão macro de desenvolvimento de potenciais que actuem frente às exigências da*

sociedade contemporânea, conseguindo driblar e conviver com as adversidades, a violência, etc.” (Couto, 2006, p.130). Tem em vista também a cooperação, a liderança, o fazer e o agir em grupo, a coabitação, e tudo isto interligado numa relação multifacetada, com o objectivo de alcançar o êxito pessoal e profissional.

- Aprender a viver juntos: Conviver, não se trata apenas de se relacionar, mas sim saber viver em conjunto, de forma ética e cooperativa.

Trata-se de um dos maiores testes à educação contemporânea, pois tem como meta principal preparar as crianças e jovens para conviver de forma harmoniosa na sociedade em que estão inseridos. No entanto, quando se convive tem de se aprender a ouvir críticas, a respeitar as diferenças e saber enfrentar e ultrapassar as derrotas e os contratempos que vão aparecendo durante toda a vida.

Aprender a ser: Este pilar é o âmago de todos os pilares na formação do ser humano, de acordo com Delors (2001).

“Em primeiro lugar pensamos no querer ser, nos sonhos, na realização futura de cada criança; em seguida, devemos nortear o caminho de cada aluno, identificá-lo, mostrar que ele pode ser, promover os seus valores, resgatar a sua auto-estima, oferecer as oportunidades, realçar o seu potencial e mostrar a ele um caminho ético de busca” (Couto, 2006, p.131).

No processo educativo, antes de se conhecer para se fazer e conviver é indispensável desenvolver-se, de forma absoluta, competências pessoais, produtivas, sociais e cognitivas.

Para, durante toda a sua vida, poder fazer as melhores escolhas, seguir os seus sonhos, lutar e vencer, o ser humano tem de possuir uma consciência racional de si próprio e dos seus valores.

Apesar da particularidade dos pilares da educação, estes inter-relacionam-se, pois não actuam individualmente no trajecto educativo.

Complementam a formação do ser humano e estão sempre presentes, marcando toda a diferença no decorrer da vida das pessoas.

O Processo Ensino-Aprendizagem

A Educação Física, actualmente, é parte integrante do sistema educativo, arrogando na escola um lugar de destaque no desenvolvimento equilibrado do jovem. Neste sentido, o processo de ensino-aprendizagem deve ser colocado em evidência, não só por parte do professor, como da interligação professor/aluno/escola (Corte-Real, 1999).

“No nosso país, são escassos os estudos que questionem, descrevam ou expliquem o quanto o aluno aprende, em que condições aprende, como aprende e como ensina o professor nas aulas de Educação Física” (Graça, 1991, p.9).

No processo de ensino e aprendizagem, vários são os factores que estão implicados no alcance do sucesso educativo dos alunos. Deste modo, no ensino das actividades desportivas é fulcral a garantia de que os alunos têm acesso a um tempo suficiente para realizarem as aprendizagens e que as actividades em que estão envolvidos ofereçam possibilidades de resposta necessárias à conquista dos objectivos programados.

Neste sentido é essencial uma boa organização do espaço de aula e que os professores sejam bons gestores. *“Entende-se por gestão o conjunto de comportamentos que regulam o comportamento dos jovens, os tempos, as tarefas a realizar, os espaços e os materiais”* (Sarmiento et. al., 1993).

Sabe-se que os ganhos de aprendizagem estão estreitamente dependentes do tempo passado na tarefa, bem como da quantidade máxima de tempo de actividade motora passada em actividades específicas (Siedentop, 1983), assim, faz todo o sentido que se aproveite e rentabilize ao máximo os tempos disponíveis para as actividades a realizar, retirando delas o máximo proveito.

Todos os dias os docentes tomam muitas decisões que atingem directamente o processo de ensino-aprendizagem. Estas decisões passam não

só pelo ritmo e sequência das actividades, pela escolha de materiais como também pelos processos para a consolidação da aprendizagem.

Acredita-se que a maximização das oportunidades de aprendizagem oferecidas aos alunos esteja dependente, na sua maioria, da maneira como o docente distribui o tempo de aula pelas diferentes funções de ensino (Sarmiento et. al. 1993). Esta ideia é corroborada por Harrisson (1987) citado por Graça (1991), pois defende que os alunos dispõem de pouco tempo de actividade nas aulas de EF. Segundo o autor não se pode negar que o tempo de prática é uma variável indispensável à aprendizagem. Acrescenta também que os docentes podem ser treinados a melhorar a sua organização da aula no sentido de propiciar mais tempo de actividade aos seus alunos.

Os tempos gastos na arrumação do material, na transição entre exercícios, no fornecimento de informação, etc., constituem uma parte relevante do tempo da aula. Assim, é importante que o tempo disponível para a actividade seja o maior possível. Se conseguirmos reduzir o tempo gasto nas tarefas anteriormente referidas, o tempo real em que o aluno está em actividade aumenta. Neste sentido, há a necessidade de reduzir a duração dos episódios de gestão para que se consiga rentabilizar ao máximo o tempo disponível para a prática dos alunos, contudo, sem esquecer o dinamismo da aula no sentido de atingir altos níveis de participação e envolvimento.

Como já foi referido anteriormente uma das preocupações do professor deve ser o tempo e a oportunidade necessária para a aprendizagem que oferece aos alunos, ou seja, para que os alunos possam consolidar as suas aprendizagens.

Diversos estudos apontam no sentido de existirem, para cada aluno, diferentes ritmos de aprendizagem e devemos propiciar tempos e oportunidades de prática ajustadas às diferentes necessidades dos alunos. Assim as diferenças de desempenho iniciais tenderão a atenuar-se ao longo do processo de ensino e de aprendizagem (Graça, 1991).

Deste modo, o tempo e a oportunidade para aprender têm-se revelado de extrema importância para o entendimento das consequências do processo de ensino sobre o produto final alcançado pelos alunos. Assim, a forma como o

processo de ensino aprendizagem é desenvolvido parece determinar o sucesso do mesmo.

Siedentop (1983) considera o Academic Learning Time (ALT) como a variável critério mais importante na determinação da oportunidade de aprendizagem. Esta ideia é corroborada por Graça (1991, p.9) pois defende que *“o tempo e a oportunidade para a aprender são entendidos como elementos vitais na explicação dos efeitos do processo de ensino sobre a consecução académica dos alunos”*.

O ALT é o agente avançado pelos investigadores do Beginning Teacher Evaluation Study (BTES) (Denham & Lieberman, 1980, cit. Graça, 1991, p.290) como tendo valor preditivo em relação à aquisição dos alunos. O ALT é constituído por três variáveis:

1. Allocated time: quantidade de tempo que o professor dedica a um determinado conteúdo;
2. Engaged time: percentagem de tempo em que o aluno está realmente empenhado numa actividade de aprendizagem;
3. Success rate: grau de sucesso que o aluno obtém na realização das tarefas de aprendizagem.

O ALT-PE alude-se ao tempo em que o aluno se encontra em confronto activo com a matéria de ensino, tanto no domínio cognitivo como no motor, a um nível de dificuldade acessível. Este factor de tempo foi encarado por Siedentop (1983) como uma variável critério para a avaliação da qualidade de ensino e, ainda, como medida válida da aprendizagem do aluno.

Os investigadores do BTES concluíram que existe uma correlação positiva entre o ALT e a aprendizagem dos alunos. Concluíram também que *“os professores distinguem-se na quantidade de tempo que dedicam aos conteúdos académicos, na percentagem de tempo que conseguem ter os alunos atentos e empenhados nas tarefas de aprendizagem e nas taxas de sucesso que obtêm nas repostas dos seus alunos às tarefas em que estão envolvidos”* (Graça, 1991, p.21).

Assim sendo, para Siedentop (1983), o professor eficaz é aquele que descobre diferentes estratégias para garantir que os alunos permaneçam

empenhados em actividades durante bastante tempo, conseguindo-o sem recorrer a técnicas de ensino coercivas, negativas ou punitivas. O mesmo autor refere cinco características essenciais de eficácia de ensino:

1. Elevada percentagem de tempo devotada ao conteúdo académico.
2. Elevadas taxas de empenhamento na tarefa por parte dos alunos.
3. Adequação apropriada do conteúdo às possibilidades dos alunos (aprendizagem orientada para o sucesso).
4. Desenvolvimento de um clima de aula caloroso e positivo.
5. Estabelecimento de estruturas na classe que contribuam para o tempo de empenhamento dos alunos sem comprometer negativamente o clima da aula.

Contudo, por mais eficaz que seja o docente, se não lhe for fornecido o tempo indispensável para a sua acção pedagógica, não poderá fazer “milagres”. Este problema está retratado nas aulas de 45 minutos, pois por muitas estratégias que o professor adopte será muito difícil fazer com que os alunos aprendam, pois aprender leva o seu tempo.

Neste sentido, e apesar de serem escassos os estudos sobre as aulas de 45 minutos, achei pertinente dirigir o meu projecto de estudo (que se encontra no ponto IV) para este tema. Questionei alguns professores de EF sobre a sua opinião relativamente às aulas de 45 minutos, bem como estratégias utilizadas para rentabilizar ao máximo a sua aula e também sobre qual será o motivo para a existência destas aulas.

Realização da Prática Profissional

IV - Realização da Prática Profissional

Tal como é referido no documento sobre as normas orientadoras do Estágio Profissional do 2º ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2009/2010, “*o EP visa a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão*”.

A estrutura e funcionamento do EP presentes no mesmo documento, são baseados nos princípios decorrentes das orientações legais que constam do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de Março.

Assim sendo, são consideradas quatro áreas de desempenho:

- Área 1 – “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”;
- Área 2 – “Participação na Escola”;
- Área 3 – “Relações com a Comunidade”;
- Área 4 – “Desenvolvimento Profissional”.

Áreas de Desempenho

- Área 1: “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”

Trata-se de uma área fulcral no processo de ensino e aprendizagem pois é aqui que se retratam as principais tarefas da profissão docente e são elas: a **concepção**, o **planeamento**, a **realização** e a **avaliação** do ensino.

a) A **concepção** do ensino corresponde ao ponto de partida da nossa actuação. Para podermos exercer melhor a nossa função, é imprescindível o conhecimento a vários níveis. Neste sentido, e como não podia deixar de ser, o Professor Cooperante Rui Pacheco apresentou-nos, não só, toda a Escola

para, antes de mais, ficarmos a conhecer o local onde iria decorrer a nossa prática pedagógica, como também nos informou sobre o funcionamento da mesma e as suas regras.

A tarefa seguinte consistiu na análise do programa de Educação Física do 3º Ciclo e o conhecimento das normas da disciplina, para assim podermos entender e “enquadrar” os objectivos da mesma.

Após o conhecimento das normas e com a ajuda do Professor Cooperante, realizámos o regulamento interno de Educação Física, que foi posteriormente entregue aos alunos para que estes tomassem conhecimento de algumas regras da disciplina, pois era essencial para o bom funcionamento da mesma.

Visto que os alunos são o âmago e o que dá sentido à nossa profissão é essencial conhecê-los, não só para os poder ajudar como também para os conseguir compreender. Neste sentido, foram levantados alguns dados sobre estes para realizar a caracterização da turma. Esta recolha de dados foi realizada no primeiro dia de aulas, onde lhes foi entregue uma ficha de caracterização individual que serviu não só para os conhecer melhor, mas também para perceber o que pensam sobre a disciplina de Educação Física, bem como as modalidades que apreciam mais ou menos, as suas expectativas, etc., para que assim a minha actuação pudesse ir também ao encontro das necessidades e preferências dos meus alunos.

É igualmente importante conhecer o meio envolvente da Escola, o meio em que os nossos alunos estão inseridos. Assim, fizemos uma análise das condições locais, das situações de educação, efectuando uma descrição, a mais pormenorizada possível, do “micromeio” que envolve as instalações. Deste modo, conhecendo o meio que abarca a Escola, poderemos conhecer hábitos, gostos, tradições, regras, entre outros, que regem esta população em particular. Nesta caracterização, foram abordados diferentes assuntos, como a história, a cultura, a actividade económica, a população de Leça do Balio e foram também analisadas as condições da relação educativa, ou seja, foi analisada a Escola E.B. 2/3 de Leça do Balio, as suas condições materiais e recursos humanos.

Para a realização deste trabalho foi necessária uma exaustiva recolha de dados, e para esse efeito contribuiu de forma decisiva o Conselho Executivo, a Secretaria da Escola e a Junta de Freguesia de Leça do Balio.

b) Após a concepção eis que surge o **planeamento**. É imprescindível que um professor planeie o ensino, pois só assim poderá antecipar a realidade do mesmo e igualmente conseguir uma progressão dos seus alunos e exercer um ensino educativamente eficaz.

Portela (2009, p.34) refere que *“o processo de ensino e aprendizagem, como uma interacção entre o professor, o aluno e os conteúdos (matéria de ensino), reclama todo um conjunto de procedimentos que necessitam ser planeados, isto é, todas as intenções e acções que o professor irá desenvolver para alcançar todo o desígnio duma sociedade”*.

O planeamento é executado a três níveis: o Planeamento Anual, o Planeamento da Unidade Didáctica e o Plano de Aula. Estes três níveis são baseados no Modelo de Estruturas de Conhecimento de Vickers (1990). No entanto não podemos esquecer que qualquer planeamento é susceptível de ser modificado, pois pode não ser o mais adequado numa determinada situação.

Após a análise e posteriores adaptações do programa de Educação Física do 3º Ciclo à realidade dos nossos alunos e do meio escolar onde se encontram, foi realizada a Planificação Anual, onde se estipulou quais as modalidades a abordar em cada período, bem como o número de horas destinadas a cada uma. Este plano não foi elaborado somente por nós (Núcleo de Estágio), mas também em concordância com o Grupo de Educação Física.

Após estarem delineadas as modalidades a abordar era tempo de definir as Unidades Didácticas para cada modalidade. Apesar de já termos alguma experiência na execução de Unidades Didácticas na Faculdade, deparamo-nos com algumas dificuldades, pois colocávamos conteúdos em demasia, bem como as respectivas avaliações diagnóstica e sumativa. O professor Rui Pacheco deu-nos uma enorme ajuda e “chamou-nos à razão”, pois não seria viável em tão poucas aulas (pois em média cada Unidade Didáctica era

composta por onze aulas) conseguirmos abordar de forma eficaz todos aqueles conteúdos. Neste sentido, foram seleccionados os conteúdos que entendemos mais relevantes para uma sólida aprendizagem dos alunos.

Relativamente aos planos de aula, mais concretamente à sua estrutura, não tive grandes dificuldades, pois já tinha realizado alguns nas muitas Didácticas práticas da Faculdade, no entanto, quanto à escolha dos exercícios, senti algumas dificuldades, principalmente nas modalidades que conhecia menos ou não estava tão à vontade (como o caso do Badminton e da Patinagem). No entanto, com todo o auxílio do Professor Cooperante, as dúvidas foram desaparecendo.

c) Consumada a reflexão acerca do planeamento, o professor tem que se confrontar com a sua aplicação, concretização, com a operacionalização das suas intenções, ou seja, a **realização**. Chegou a altura em que vamos ser postos à prova, vamos pôr em prática tudo aquilo que aprendemos até então e aí poderemos “crescer” como profissionais da área, corrigindo os erros e melhorando a cada aula que passa.

No início do ano lectivo, visto ter pouca experiência, não saber muito bem o que me esperava e ser uma pessoa um pouco tímida, não consegui libertar-me o suficiente, sentindo-me um pouco tensa até (*“quanto à minha prestação, talvez devido a um nervosismo inicial, falei um pouco depressa de mais e ao transmitir o programa da disciplina cometi um pequeno lapso”* - Relatório da aula nº1). No seguimento destas dificuldades, era também pouco interventiva em determinadas situações tal como concluí no relatório da aula nº 16 *“terei de ser mais interventiva e emitir mais feedbacks, no sentido de corrigir e assim ajudar os alunos a evoluírem”*. No entanto, e sendo esse um dos meus objectivos, foi um aspecto que melhorei a olhos vistos, sentindo-me à vontade a dirigir a minha turma. Este facto foi referido no relatório da aula nº 49: *“Também senti que consegui transmitir mais feedbacks aos alunos, consegui corrigi-los e senti-me muito mais segura”*.

Sendo a primeira vez que estava a leccionar uma turma “sozinha” e sendo jovem, estava com receio que os meus alunos não me vissem como

uma “autoridade”, que não me respeitassem e que não os conseguisse controlar. Nesse sentido, o primeiro objectivo a atingir era ter o controlo da turma, para que assim a aula pudesse fluir normalmente. No entanto, no início tive algumas dificuldades nesse controlo, tal como foi referido no relatório da aula nº 8 e 9 *“especialmente nesta aula foi observada uma notória indisciplina dos alunos principalmente quando se encontravam com as bolas”*. Contudo, os meus alunos, apesar de irrequietos, brincalhões e um pouco barulhentos, surpreenderam-me pela positiva e mostraram-se “bons meninos”.

Após atingir mais uma meta, debrucei-me sobre outro assunto: a gestão do tempo de aula. Visto o programa de Educação Física do 3º Ciclo propor um número tão elevado de modalidades a abordar e o número de horas dedicadas à disciplina não serem as ideais, temos de o cumprir minimamente. Neste sentido, uma das minhas preocupações era gerir o tempo de aula da melhor forma para poder cumprir tanto a Unidade Didáctica como o Plano de Aula. Assim, adoptei algumas estratégias para conseguir rentabilizar ao máximo o tempo de aula. Em primeiro lugar tentei incutir nos meus alunos pontualidade, diminuindo assim o tempo para se equiparem, no entanto não fui bem sucedida pois alguns deles chegavam constantemente atrasados (*“A aula iniciou-se com cinco minutos de atraso visto os alunos terem demorado mais tempo a equipar-se”* – Relatório da aula nº 47 e 48). Outra das estratégias utilizadas passou pela montagem do material antes dos alunos chegarem à aula, tal como disse no relatório da aula nº 58: *“para não perder muito tempo na montagem do material, mesmo antes da aula começar tive o cuidado de ir montando o material e à medida que os alunos iam chegando à aula ajudavam na sua montagem”*. Deste modo conseguiria poupar tempo na sua montagem, utilizando-o na exercitação dos alunos. Optei também por colocar os alunos dispensados encarregues da montagem do material durante o decorrer da aula, permitindo assim perder menos tempo na transição entre os exercícios.

Como já foi referido anteriormente, o tempo dedicado à disciplina de Educação Física não é o mais apropriado, principalmente quando nos referimos às aulas de quarenta e cinco minutos, pois, no melhor dos casos, o tempo de aula é de aproximadamente trinta minutos (*“apesar do pouco tempo*

de aula disponível a aula correu bem” – Relatório da aula nº 65). Assim sendo, e por conselho do professor Rui Pacheco, nestas aulas, o ideal foi reduzir o número de exercícios e aumentar o tempo de jogo (no caso das modalidades colectivas).

Uma das categorias do conhecimento base para o ensino, proposta por Shulman (1987), corresponde ao “*conhecimento do conteúdo*”. Segundo Silva (2009, p.13) “*sem este conhecimento o professor nunca poderá estar à altura de realizar a incumbência educativa e formativa da disciplina que lecciona*”. Na maioria das modalidades abordadas não senti grandes dificuldades, visto terem sido abordadas e ensinadas em anos anteriores, na Faculdade. Contudo, senti bastantes dificuldades em Ginástica, pois verifiquei nos alunos alguma desmotivação e desinteresse pela modalidade. Isto foi escrito no relatório da aula nº 58 em que referi que “*foi notória uma grande dificuldade e talvez por esse motivo desinteresse por parte da maioria dos alunos. Enquanto ajudava um grupo, quando me dirigia a outro verificava que estes estavam em constante brincadeira ou então sentados, pois diziam que não conseguiam realizar. Chamei-os à atenção variadas vezes e fiz o meu melhor para os ajudar nas suas dificuldades, mas muitos deles já partem do princípio que são incapazes e por esse motivo recusam-se a fazer. Penso que leccionar esta modalidade vai ser bastante difícil, mas acho que com um pouco de paciência e perseverança vou conseguir atingir alguns objectivos com os alunos*”. Assim, dei o meu melhor para incutir neles o gosto pela modalidade, criando várias “estações” de diferentes dificuldades para que assim todos os alunos (de diferentes níveis) conseguissem obter resultados, que conseguissem entender as suas melhorias e assim apreciarem mais a modalidade. Felizmente consegui motivar muitos dos alunos e verifiquei melhorias significativas na sua maioria, tal como foi referido no relatório da aula nº 63: “*Os alunos estiveram mais motivados na realização desta aula e verifiquei que alguns que tinham mais dificuldades (por serem mais pesados, terem mais complexos, terem mais receios, etc.) já tentavam e muitos já realizavam alguns dos exercícios propostos*” e no relatório da aula nº 69: “*senti-me muito satisfeita ao verificar esta evolução da turma, não só na melhoria do seu empenho como também na*

sua execução”. Ainda relativamente ao conhecimento do conteúdo, existiram duas modalidades que nunca tive formação académica para as leccionar, e foram elas o Badminton e a Patinagem. Para as poder leccionar com o mínimo de sabedoria tive de aprofundar o meu conhecimento sobre elas, pesquisando os seus conteúdos e qual a melhor forma de os transmitir e fazer chegar aos alunos. Esta minha dificuldade foi manifestada no relatório da aula nº 78, em que abordei Patinagem, e onde referi que *“visto ser uma modalidade que nunca abordei, estou com bastantes receios e dúvidas, mas penso que com o auxílio do Professor Cooperante Rui Pacheco vou aprender imenso e assim conseguir transmitir da melhor forma a matéria aos meus alunos”*. Efectivamente tive bastante ajuda do Professor Cooperante Rui Pacheco que me passou um pouco da sua experiência e me fez perceber quais as melhores estratégias a adoptar. Penso que não estive mal na leccionação de nenhuma delas, apesar de ter sentido maiores dificuldades na Patinagem.

Durante todo este percurso, o núcleo de Estágio tinha como tarefa a observação de algumas das aulas dos colegas. Penso ser um aspecto bastante importante e indispensável no decurso da nossa formação, pois não só podemos ajudar os nossos colegas, dizendo o que correu bem, o que pode ser melhorado, etc., como nós próprios também aprendemos e podemos assim melhorar a nossa acção pedagógica.

d) Existe *“um procedimento que não pode deixar de ser contemplado, sem o qual não se conhece a direcção que o processo ensino/aprendizagem está a tomar, sem o qual se desconhece o momento de intervenção para correcção de desvios, sem o qual a regulação do processo fica comprometida, sem o qual não sabemos se os objectivos traçados foram alcançados, se o foram parcialmente ou na sua totalidade. Fala-se, como é evidente, de **avaliação**”* (Portela, 2009, p.34).

A avaliação assume-se como determinante no processo de ensino-aprendizagem. Esta baseia-se na recolha e interpretação de informações e resultados obtidos, para posteriormente serem tomadas decisões.

Visto a avaliação, por si só, já ser uma tarefa complicada, muito mais difícil se torna quando a experiência não é muita. Avaliar vinte e um alunos, em todas as habilidades motoras abordadas de uma determinada modalidade, em quarenta e cinco minutos, não me parece tarefa fácil, arriscaria até a dizer impossível. Assim sendo, visto a nossa pouca experiência e de acordo com a opinião do professor Rui Pacheco, é mais fácil e talvez mais justo avaliar um reduzido, mas específico número de habilidades motoras. Neste sentido, quando se tratou de jogos desportivos colectivos, foi dada maior ênfase à capacidade de jogo, colocação no terreno e desmarcação. Em relação às modalidades individuais (como por exemplo a Ginástica) foi dada uma maior importância à execução técnica de cada elemento, na sua globalidade.

Durante este meu percurso utilizei três tipos de avaliações: a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa.

A avaliação diagnóstica não só revelou o nível de desempenho em que se encontravam os alunos, como também permitiu que o processo de ensino-aprendizagem pudesse ser orientado mais eficazmente. Esta avaliação verificou-se também bastante útil e diria até indispensável, para a correcta e eficaz determinação da extensão e dos conteúdos a abordar numa determinada Unidade Didáctica.

A avaliação formativa não decorreu num momento específico, mas verificou-se contínua. Neste sentido, após cada aula era preenchida uma ficha para esse efeito, onde era registada a prestação de cada aluno, podendo assim verificar posteriormente como foi o seu comportamento (a vários níveis) durante aquele conjunto de aulas.

Por fim, a avaliação sumativa teve como principal objectivo avaliar o que o aluno aprendeu e assimilou ao longo do processo ensino-aprendizagem, através de critérios/parâmetro previamente estabelecidos. É nesta avaliação que se atribui um valor à prestação de cada aluno.

Olhando para trás e apesar de inicialmente me sentir mais desconfortável com a avaliação e posteriormente verificar alguns progressos, penso que a avaliação ainda continua a ser uma “angústia”, pois tenho receio de, inconscientemente, não estar a ser justa nem correcta na atribuição de

alguma nota. No entanto é um receio que terei de ultrapassar e tenho a esperança que com a experiência que ganharei, vá diminuindo.

- Área 2: “Participação na Escola”

Visto sermos professores estagiários de uma escola, é de extrema importância integrarmo-nos activamente no seio da mesma. Assim, faz todo o sentido cooperar e interagirmos com todos os elementos inerentes à escola, desde professores, funcionários e alunos. Penso que o facto de estarmos “por dentro” de toda a organização de um evento desportivo é uma mais valia para nós como futuros docentes, pois estaremos mais cientes do material a utilizar, da burocracia necessária e do papel das pessoas envolvidas.

Um vez mais o professor Cooperante Rui Pacheco transmitiu-nos imensos conhecimentos nesta área, para que tudo corresse pelo melhor.

No Plano Anual de Actividades, realizado em reunião do Grupo de EF, ficaram previstas as seguintes actividades:

1º Período: - Jogos Tradicionais
- Corta-Mato escolar

2º Período: - Mega-Sprint
- Torneio Inter-Turmas do 3º Ciclo

3º Período: - Gincana (Actividade lúdica decorrida no Parque de Sta. Maria de Avioso, Maia)
- Torneio Inter-Turmas de Futebol do 3º Ciclo

Na primeira actividade prevista, Jogos Tradicionais, ficou estipulado em reunião de Núcleo de Estágio, que iríamos realizar uma competição inter-

turmas, no dia 11 de Novembro de 2009, tentando juntar as várias turmas que tivessem aula de EF à mesma hora e competiam entre si, apurando-se posteriormente as turmas vencedoras. Entretanto, e por alguma falta de comunicação entre os diferentes professores da disciplina, não foi possível realizar a competição inter-turmas, ocorrendo a competição apenas entre os elementos da mesma turma.

Para que os alunos estivessem melhor preparados para a actividade, o Professor Rui Pacheco aconselhou-nos a que nas três últimas aulas antes da actividade, fossem abordados todos os Jogos Tradicionais e eram eles: o tiro às latas, o salto à corda, a corrida de andas, a corrida de sacos, a tracção à corda e a corrida de pés atados.

Durante as actividades os alunos mostraram-se bastante empenhados e divertidos, pois a maioria dos alunos apreciava este tipo de actividades.

No dia 27 de Novembro de 2009, foi realizado na nossa Escola e na área circundante o Corta-Mato. Comparativamente com a actividade anterior, esta teve outro impacto em toda a comunidade escolar. Nesta actividade estiveram envolvidos todos os professores da Grupo de EF, alguns professores de outras disciplinas, um grande número de funcionários, a maior parte dos nossos alunos, alunos de várias escolas primárias da freguesia e também a PSP e os Bombeiros Voluntários de Leça do Balio.

Começamos por realizar o reconhecimento do percurso, para verificarmos se estava tudo nas melhores condições e se os alunos poderiam percorre-lo em segurança, pois penso ser um aspecto de grande relevância. Posteriormente começamos a tratar da parte burocrática em que tivemos de enviar cartas para várias entidades (PSP, Bombeiros, Associação de Pais, Unicer e várias escolas primárias da freguesia). Com algum tempo de antecedência e para que tudo corresse da forma esperada, realizamos um mapa em que cada pessoa tinha uma função específica e um lugar a ocupar, bem como o material que necessitaríamos.

Após tudo planeado chegou o dia tão esperado. No entanto, o nosso maior receio verificou-se: chovia intensamente. Contudo, a actividade decorreu

normalmente, mas com algumas modificações. A activação geral que ocorria antes do início de cada prova teve de ser realizada no interior do pavilhão, bem como a concentração de todas as pessoas presentes no evento.

No final, foi efectuada a entrega de prémios, onde os alunos erguiam com bastante orgulho as suas medalhas.

Um dos pontos a melhorar seriam os lanches fornecidos aos alunos, porque infelizmente, devido à falta de patrocínios, só conseguimos fornecer-lhes garrafas de água. A colocação de uma coluna no exterior também seria um ponto a favor, pois muitos alunos que se encontravam no exterior não tinham a percepção de estarem a ser chamados para o início da prova.

Alguns dos objectivos na realização do Corta-Mato passaram por promover a actividade física no seio da comunidade escolar, experienciar uma actividade de carácter competitivo, fomentar o convívio escolar e seleccionar os alunos para o Corta-Mato distrital. Posteriormente os alunos apurados para o Corta-Mato distrital foram acompanhados por mim e pela Coordenadora do Desporto Escolar até à Trofa.

Na globalidade a actividade correu bastante bem, participando cerca de quatrocentos alunos. Na minha opinião foi mais uma experiência enriquecedora, para que num futuro próximo seja capaz de organizar com êxito uma actividade semelhante.

Já no 2º Período, foi realizado o Mega-Sprint. Esta actividade consistiu na competição entre os alunos seleccionados que obtiveram os melhores resultados na corrida de velocidade da sua turma. Os alunos competiram de acordo com seu escalão. Aqueles que conseguiram os melhores resultados foram apurados para o Mega-Sprint organizado pela Federação Portuguesa de Atletismo no Estádio Jorge Sampaio, nos Carvalhos, com a finalidade de detectarem novos talentos.

Tratou-se de uma actividade de menor abrangência e de mais fácil organização, pois só participaram os professores do Grupo de EF. No entanto contribuiu largamente para a minha aprendizagem.

Relativamente ao torneio Inter-Turmas do 3º Ciclo, este aconteceu no passado dia 26 de Março.

Os alunos do 7º ano participaram na modalidade de Basquetebol, os alunos do 8º ano em Andebol e os alunos do 9º ano e CEF's em Voleibol.

Estava planeado que os jogos de Andebol e Basquetebol iriam decorrer nos campos exteriores e os de Voleibol dentro do Pavilhão. No entanto, e uma vez mais, as condições climáticas não foram favoráveis, e foram realizados apenas alguns jogos de Andebol no exterior e os restantes no interior do pavilhão.

Antes de mais, e para que todo o nosso planeamento pudesse ser realizado, com alguns dias de antecedência, foram deixados no gabinete que serve de suporte ao Pavilhão, fichas de inscrição em que, para além da identificação de toda a equipa era também imprescindível constar o nome de um árbitro e de um delegado. O árbitro, como é lógico, arbitrava diferentes jogos e os delegados preenchiam os boletins de jogo e estavam responsáveis pela pontuação. Pensamos ser essencial a participação e cooperação de todos os alunos, para que assim se sintam integrados e que vejam que são indispensáveis à boa organização dos eventos. Relativamente aos delegados, estes eram alunos que não estariam inscritos nas equipas, logo estariam de fora de toda a competição. Assim, tendo já uma função destinada para si, sentiram-se muito mais úteis e de bem consigo próprios.

Cada professor ficou encarregue da organização de uma modalidade e, durante o torneio tinha como principal função actualizar as tabelas de pontuação existentes, para que assim estivessem sempre ao dispor de serem consultadas.

Como em todos os eventos realizados e para salvaguardar o seu êxito, antes da actividade foram organizados e preparados todos os recursos materiais e humanos necessários para que tudo corresse como planeado.

Nesta competição participaram, não só o Grupo de EF, mas também vários professores de outras disciplinas.

A actividade correu bastante bem, no entanto, e com bastante pena nossa, não nos foram fornecidas medalhas para entregar aos vários

vencedores das diferentes modalidades. Outro dos aspectos que poderia ter sido melhor, foi o facto de não existir animação (música), pois o material já tinha sido requisitado dias antes por uma escola primária da freguesia.

Uma vez mais adquiri novos conhecimentos e uma vez mais foi comprovado que, apesar de já ser bastante complicado trabalhar com um elevado número de alunos, ainda mais difícil se torna se as coisas não forem bem planeadas e estipuladas.

No último período foi realizada uma pequena actividade lúdica no Parque de Sta. Maria de Avioso, na Maia.

Em reunião de Núcleo de Estágio ficaram estipuladas quais as actividades que iriam ser realizadas. Optamos por realizar três estações: uma destinada à prática de Voleibol, outra ao Futebol e uma pequena Gincana, utilizando as diversões existentes no Parque.

No passado dia 16 de Junho, pelas 9:00h, partimos de autocarro da Escola E.B. 2/3 de Leça do Balio com destino ao Parque de Sta. Maria de Avioso. Chegados ao nosso destino os alunos foram divididos em vários grupos e acompanhados por alguns monitores do Parque realizaram um Eco Paper. Após essa actividade foram distribuídos pelas três estações e passado um determinado tempo trocaram de estação.

Entretanto a manhã passou, chegou a hora de almoço e os alunos decidiram realizar um mega pic-nic. Após o almoço, como ainda restava algum tempo livre até à hora da partida, juntamo-nos aos alunos realizando alguns jogos por mera brincadeira e recreação. Penso ser bastante importante acontecer este tipo de situações entre alunos e professores, pois “ganha-se” um pouco mais de confiança com os alunos, pois já os conhecemos bem, criando um ambiente saudável entre todos nós.

Foi um dia muito bem passado e os alunos gostaram imenso, pois “fugiram” um pouco à rotina.

Relativamente ao Torneio Inter-Turmas de Futebol do 3º Ciclo, este decorreu no Complexo Desportivo de Leça do Balio, pois devido às suas condições, os alunos adoram ir para lá.

Visto já termos passado por uma situação idêntica (Torneio Inter-Turmas do 3º Ciclo) já não foram encontrados tantos problemas nem tantas dúvidas.

Tal como tinha ocorrido anteriormente, foi necessário realizar um correcto planeamento para que tudo corresse da melhor forma. Os alunos começaram por preencher as fichas de inscrição, onde constava também o nome dos alunos que iriam ter o papel de árbitros e delegados.

No dia do torneio, chegamos bem cedo ao Complexo Desportivo de Leça do Balio e começamos por dividir o enorme campo de futebol em quatro campos de menores dimensões. Posteriormente as equipas foram distribuídas pelos vários campos e deu-se início ao torneio. Cada professor tinha a responsabilidade sobre um determinado campo e estava encarregue de cronometrar o tempo de jogo e actualizar permanentemente a lista das classificações. A arbitrar os jogos estavam os alunos inicialmente inscritos e responsáveis pelo preenchimento dos boletins de jogo e da pontuação estavam os delegados.

Como não podia deixar de ser, os alunos aderiram em grande número a esta actividade, visto tratar-se de uma modalidade que move milhões de fãs por todo o mundo e que a maioria dos alunos gosta de praticar (principalmente os alunos do sexo masculino).

De um modo geral, penso que a minha participação na Escola foi bastante positiva, visto que me empenhei bastante para que todas as metas fossem atingidas. Aprendi bastante com todas as actividades em que estive envolvida, enchendo um pouco mais a minha bagagem com experiências e conhecimentos.

- Área 3: “Relações com a Comunidade”

Antes de podermos “manter uma relação com a comunidade” é essencial conhecê-la. Neste sentido, e como já foi referido anteriormente, uma das primeiras funções realizadas pelo Núcleo de Estágio foi precisamente a caracterização do meio. Neste sentido, ficamos a conhecer não só todo o meio envolvente à Escola, mas também os recursos humanos e materiais existentes no Estabelecimento de Ensino. Este conhecimento foi fulcral para me poder “situar”, e assim conhecer e compreender melhor o meio que abarca o local onde decorre a minha prática pedagógica.

Todas as actividades referidas na área anterior foram relações mantidas com a comunidade, visto os portões da Escola estarem sempre abertos para quem quisesse assistir. O facto de estarem presentes, em determinadas actividades, entidades essenciais à comunidade como é o caso da PSP e dos Bombeiros Voluntários, veio evidenciar ainda mais esta relação existente.

O Dia Aberto foi mais um exemplo de como é saudável a relação com a comunidade. Neste dia, organizámos uma actividade relacionada com a nossa disciplina onde os alunos poderiam realizar mini-torneios de Futebol e Basquetebol. Foram também montadas várias barraquinhas em que os alunos vendiam muitos e variados artigos, desde objectos usados a alimentos para se “petiscar”, sem esquecer da visita que um grupo de Capoeira nos fez demonstrando um pouco da sua arte aos alunos. Este foi mais um dia dedicado a toda a Escola, incluindo a sua Comunidade.

- Área 4: “Desenvolvimento Profissional”

Nesta área englobam-se as actividades e experiências que proporcionam a construção da competência profissional na perspectiva do seu desenvolvimento.

Como a formação não se confina em si mesma, é meu objectivo permanecer em constante desenvolvimento e aprendizagem, aplicando as orientações adquiridas ao longo destes últimos anos de formação pedagógica.

Para isso considero importante desenvolver uma permanente atitude reflexiva, de forma a não permitir a estagnação da minha actuação, apoiando-me na investigação, em experiências pelas quais passei e em outros recursos de desenvolvimento profissional.

No sentido de melhor entender o meu processo de ensino, realizei um projecto de estudo de um problema decorrente do processo de ensino/aprendizagem.

Projecto de estudo de um problema decorrente do processo de ensino/aprendizagem

Um dos problemas com que me deparei durante todo o meu processo de ensino-aprendizagem foi com o pouco tempo de aula existente para o ensino de todas as matérias que temos de abordar. Isto é ainda mais evidente nas aulas de 45 minutos, pois na melhor das hipóteses os alunos estão efectivamente em aula cerca de 35 minutos. Com o intuito de melhor entender este entrave na aprendizagem dos alunos, achei pertinente conhecer também a opinião de outros professores e talvez descobrir algumas respostas a este problema.

Grupo de Estudo

Os intervenientes deste estudo foram quatro docentes de EF pertencentes aos quadros da Escola E.B. 2/3 de Leça do Balio. Não foi dada qualquer relevância ao sexo dos professores, no entanto preferi que se tratassem de professores já com alguns anos de prática para que assim as suas respostas fossem baseadas nas suas próprias experiências.

Metodologia

Para a recolha de dados procedeu-se à elaboração de um questionário com três questões de resposta aberta. Antes de ser posto em prática, o questionário foi validado.

Preferi realizar um conjunto de perguntas com uma abordagem qualitativa, através das quais pudesse retirar algumas conclusões.

Pergunta nº 1: foi questionado se o docente achava que uma aula de 45 minutos era suficiente para a prática e consequente aprendizagem de um aluno. Foi também questionado que diferenças poderiam existir consoante os diferentes conteúdos a abordar.

Pergunta nº 2: questionou-se sobre quais as estratégias que cada professor utilizava para rentabilizar ao máximo as aulas de 45 minutos e quais as estratégias diferentes que utilizava numa aula de 90 minutos.

Pergunta nº 3: na opinião dos docentes, qual seria o motivo para a existência das aulas de 45 minutos e se concordava ou discordava desse motivo.

Apresentação dos Resultados

Após uma cuidada análise de todos os inquéritos, vou proceder à interpretação dos resultados:

Relativamente à primeira pergunta todos os docentes são da mesma opinião, pois acham que uma aula de 45 minutos não é suficiente para a prática e consequente aprendizagem de um aluno.

Ex: *“Não, pois o tempo útil de aula é muito reduzido devido ao tempo de deslocação dos alunos da sala de aula até ao pavilhão gimnodesportivo e o tempo com o equipar e desequipar”* (P1); *“Uma aula de 45 minutos é claramente insuficiente para que os alunos consigam adquirir as competências/habilidades pretendidas”* (P4).

Quando se questionou quais as diferenças que poderão existir consoante os diferentes conteúdos a abordar, o P1 respondeu que *“Na abordagem dos conteúdos da patinagem relativamente à leccionação de uma aula de Jogos Desportos Colectivos, esse tempo torna-se ainda mais reduzido devido à tarefa de escolher, calçar e descalçar os patins”*. Na mesma ordem de ideias a P4 referiu que *“Este problema é mais gritante numas modalidades do que em outras, nomeadamente na ginástica, cuja parte do aquecimento é muito extensa e em modalidades que requerem a utilização de material de grande porte”*. No entanto, não respondendo directamente à minha questão mas indo de encontro à opinião de que uma aula de 45 minutos é insuficiente para a aprendizagem de um aluno, a P3 afirmou que *“...esta aula serve apenas para aperfeiçoar e consolidar conteúdos”*.

Quanto à segunda pergunta questionou-se quais as diferentes estratégias utilizadas numa aula de 45 minutos e numa de 90 minutos. Relativamente à aula de 45 minutos o P1 solicita *“...aos alunos que se desloquem rapidamente da sala de aula para o pavilhão, dando cinco minutos no início e cinco minutos no final da aula para as tarefas de equipar e desequipar (...) e apenas lecciono dois exercícios”*. Nas aulas de 90 minutos acrescenta *“...mais cinco minutos para a tarefa de desequipar e tomar banho. Sendo o tempo útil de aula maior, permite-me dar maior tempo de exercitação aos conteúdos da aula”*.

Na opinião da P4 *“Aulas de 45 minutos: utilização de pouco material; exercícios de organização simples; número reduzido de exercícios; sistematização da matéria abordada na aula de 90 minutos. Aula de 90 minutos: introdução de «matéria nova»; maior número de exercícios; exercícios de organização mais complexa”*.

Na terceira pergunta questionou-se qual seria o motivo para a existência das aulas de 45 minutos em EF e se concordavam ou não com esse motivo. O P1 e a P4 foram concordantes nas suas respostas, pois ambos “culpam” a má distribuição da carga horária: *“O motivo principal deve-se à orgânica da*

distribuição da carga horária para a generalidade das disciplinas do Currículo do Ensino Básico.” O P1 vai mais longe quando refere que “como em períodos anteriores apenas havia duas aulas semanais destinadas às aulas de Educação Física e tendo havido uma reivindicação dos professores para haver três aulas semanais, optou-se por criar num dia uma aula de 45 minutos e noutro dia duas aulas de 45 minutos (90 minutos)”.

As outras duas professoras não têm uma opinião formada sobre quais os motivos que levam à existência das aulas de 45 minutos, no entanto a P2 diz que tem *“a convicção de que os professores de Educação Física têm lutado no sentido de alterar a carga horária, como é no Ensino Secundário”.*

Conclusões

Tendo presente as características limitadas deste projecto de estudo (o preenchimento do questionário por um baixo número de docentes) não podemos generalizar as conclusões. No entanto, estas foram as seguintes:

Todos os professores questionados, sem excepção, não estão de acordo com as aulas de 45 minutos.

Para eles estas aulas não fazem qualquer sentido, pois não contribuem (ou contribuem muito pouco) para a aprendizagem dos alunos. Neste sentido é necessário ser-se flexível e saber adaptar-se às várias situações, pois como foi verificado na segunda questão, os professores têm de adoptar diferentes estratégias consoante o tempo disponível.

Relativamente aos conteúdos e como foi respondido na primeira pergunta, consoante os diferentes conteúdos é necessário despender mais ou menos tempo na sua preparação. Tal como foi exemplificado, falou-se sobre a Patinagem, pois no *“escolher, calçar e descalçar”* os patins perde-se imenso tempo e talvez o melhor a fazer é realizar as aulas destinadas a esta modalidade nas aulas de 90 minutos. Outro dos exemplos dados foi não só a Ginástica, pois implica uma *“parte de aquecimento muito extensa”*, bem como as modalidades que impliquem a *“utilização de material de grande porte”*.

Uma das causas apontadas à existência das aulas de 45 minutos foi unânime em dois dos quatro professores questionados, que afirmaram que se devia à pobre “*carga horária atribuída às aulas de Educação Física*”.

Assim, é urgente mudar esta situação, pois é imprescindível aumentar o tempo de útil da aula, no sentido de aumentar o empenhamento motor para conseguir conceder aos alunos um elevado tempo potencial de aprendizagem.

Uma das preocupações centrais do professor deve ser o tempo e a oportunidade necessária para a aprendizagem que oferece aos alunos, ou seja, o tempo fundamental para que os alunos possam consolidar as suas aprendizagens.

Conclusão

V – Conclusão

O EP tratou-se de mais uma etapa essencial na minha vida e com certeza a etapa mais gratificante, mas também a mais “árdua” na minha formação académica. É já com alguma nostalgia que olho para trás e vejo aqueles dias de incerteza, de pouco à vontade, de medo de falhar, sem saber o que me esperava... enfim, os primeiros dias do EP. No entanto, orgulho-me de chegar até aqui e poder dizer que erre muito, mas aprendi e melhorei com esses mesmos erros e que me sinto preparada para a docência de EF, apesar de ainda ter muito para aprender, pois estou ciente de que a minha formação não pode acabar por aqui.

Visto o EP apresentar-se como a última fase da minha formação académica, “parti para a aventura” com muitas expectativas, pois finalmente iria leccionar uma turma “minha” e com a convicção de que iria aprender imenso, pois iria passar por diferentes experiências que me iriam enriquecer não só como futura docente mas também como ser humano. No entanto, não só as expectativas e a certeza de que iria preencher um pouco mais a minha bagagem de conhecimentos e experiências, me acompanharam. As dúvidas e receios eram imensos e questionava-me frequentemente: Será que vou conseguir pôr em prática toda a teoria que aprendi? Será que tenho os conhecimentos suficientes para leccionar uma turma “sozinha”? Será que conseguirei transmitir os conteúdos de forma eficaz? Será que vou ter uma boa relação com a minha turma? Será que vou gerir as aulas de forma eficiente? Será que vou conseguir avaliar os meus alunos de forma consciente e justa? Nesta recta final posso dizer que muitas destas dúvidas de desvaneceram, contudo algumas não foram totalmente respondidas, pois só com a sabedoria da experiência talvez as consiga ver resolvidas.

A reflexão e a adaptação constantes foram alguns dos aspectos que considere relevantes no decorrer de todo este ano lectivo. A reflexão sobre um vasto leque de episódios e aspectos da aula fez com que modificasse e melhorasse a minha acção. Hoje vejo a reflexão como um instrumento imprescindível no alcance de uma prática consciente e objectiva.

As minhas preocupações não se centraram apenas em aspectos de controlo e organização de exercícios, tive a preocupação de manter um bom ambiente na turma, de estabelecer uma boa relação com os meus alunos, fazer-lhes perceberem que apesar de ser professora deles e merecer todo o respeito, era também alguém que os podia ajudar, não só nos problemas e dificuldades encontrados na aula, mas também fora dela.

Não posso esquecer e deixar de mencionar que este percurso não foi percorrido de modo solitário, pois ao meu lado estiveram sempre presentes pessoas que me ajudaram a construir este meu caminho até aqui, pessoas a quem eu muito agradeço. Ao Professor Cooperante Mestre Rui Pacheco por ser a pessoa que é, por me ajudar e se mostrar sempre disponível em todas as situações e graças às suas respostas e transmissão de experiências me ajudou a amadurecer e desenvolver as minhas capacidades de ensino.

Aos meus colegas de Estágio, Bruno e Luís, que sempre estiveram presentes e através das suas observações, troca de ideias e sempre com grande sentido de humor e boa disposição (o que é sempre necessário) me ajudaram a percorrer este longo, difícil, mas muito gratificante caminho.

À minha Orientadora Doutora Paula Queirós por ser uma excelente, simpática e atenciosa docente, sempre disponível e preocupada em ajudar em qualquer situação. Trata-se daquela professora que está sempre presente para nos dar a força e motivação necessárias, mas também para fazer com que atinjam os nossos objectivos com muito trabalho e esforço.

Deste ano guardarei recordações para a vida, pois não só aprendi muito como também ensinei bastante. Espero ter marcado os meus alunos positivamente, espero ter-lhes transmitido não só conhecimentos sobre as diferentes matérias, mas também valores que os acompanhem durante todo o seu caminho.

Apesar do EP ter sido um caminho percorrido com bastantes dificuldades, sinto que valeu a pena, pois contribuiu significativamente para o meu crescimento pessoal e profissional.

O futuro não se adivinha muito risonho, no entanto, agora com as bases adquiridas durante todo este ano lectivo, sinto-me muito mais confiante e com a

esperança de que um dia poderei fazer a diferença na vida de cada um dos meus alunos...

“Um dia passaremos a vida inteira na escola; um dia passaremos a vida inteira em contacto com o mundo, sem nada que nos separe dele. Nesse dia, educar será sinónimo de aprender a amar a transformação, de tornar-se melhor; nesse dia educar não será mais formar e manter os homens a meio caminho das suas possibilidades de desenvolvimento; será, pelo contrário, dar-lhes a possibilidade de se abrirem à essência e à plenitude da própria existência...”

(McLuhan, 1990)

Síntese Final

VI- Síntese Final

O presente Relatório de Estágio está inserido no âmbito da disciplina de Estágio Profissional do 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, realizado ao longo do ano lectivo 2009/2010, na Escola E.B. 2/3 de Leça do Balio.

Tive como Orientadora de Estágio Profissional a Professora Doutora Paula Queirós, como Professor Cooperante o Mestre Rui Pacheco e como colegas de Núcleo de Estágio o Bruno Pinheiro e o Luís Silva.

Considereei pertinente começar o Relatório de Estágio por uma breve abordagem sobre dois temas essenciais: “o ser Professor” e “o Professor de Educação Física”. Penso serem relevantes estes dois temas pois a nossa sociedade é marcada pela variedade e multiplicidade, impondo funções acrescidas à escola, tendo esta a responsabilidade de preparar os jovens para um futuro próximo. Deste modo, o professor, para além de ter de gerir a sua aula, tem igualmente de ser um gestor de relações pessoais e de conflitos, um gestor de tarefas de interacção entre os vários elementos da comunidade escolar, um gestor administrativo e ainda um gestor de interacção com a comunidade. Para que os professores de EF consigam encarar os recentes desafios fomentados pelas constantes mudanças na sociedade, devem patentear a criatividade, as atitudes de iniciativa e devem ser voluntariosos (Feitosa e Nascimento, 2006).

Seguidamente foi realizado um enquadramento biográfico, pois através dele é perceptível o porquê de ter enveredado por este caminho. Através dele verifica-se também que o Desporto sempre esteve presente em todo o meu percurso de vida e este sentido todos os valores transmitidos, tudo o que me foi ensinado, toda a prática desportiva e formação académica pelas quais passei e “abriguei” ajudaram a construir a pessoa que hoje sou. Considerei igualmente importante abordar neste meu relatório os temas: “Formação de Professores” e “Estágio Profissional”, pois o Estágio Profissional é um elemento valioso e fundamental para o enriquecimento do processo de formação de futuros docentes. O começo de uma actividade profissional trata-se de uma fase marcante, distinta e decisiva na nossa vida. Esta etapa constitui um desafio e por isso é vivida com bastante entusiasmo mas também com alguma inquietação e receio. As expectativas, ideais e perspectivas cruzam-se com sentimentos de ansiedade e apreensão face às novas responsabilidades. Finalmente chegou a hora de pôr em prática toda a teoria e aprendizagem que adquiri e que tanto me enriqueceu nos quatro anos passados na tão nobre Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. O meu principal objectivo era aprender o mais possível com quem sabe e tem muito mais experiência do que eu, facto que felizmente se concretizou. Como já foi referido o meu Estágio Profissional decorreu na Escola E.B. 2/3 de Leça do Balio. Leccionei uma turma do 8º ano (turma B), constituída por vinte e um alunos dos quais nove eram do sexo masculino e doze do sexo feminino. Eram alunos provenientes de classes sociais bastante distintas com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos.

No enquadramento da prática profissional analisei “o Papel da Educação Física na Escola” pois *“a pertinência da EF na Escola decorre da sua importância para o desenvolvimento integral do jovem, através de experiências que privilegiam o fair-play, o respeito pelo adversário, o sentido lúdico, a vivência e a experimentação”* (Rebelo, 2009, p.17). A Educação Física, cujo objecto de ensino são precisamente as actividades físicas e desportivas, tem como papel essencial defender e cumprir a motivação das crianças e dos jovens para enveredarem por um caminho repleto de hábitos desportivos, levando a um estilo de vida saudável. Abordei também o tema “Educação” visto que *“o período de educação ou iniciação de uma criança ou jovem deveria ser o momento mais belo e criativo de qualquer ser humano. Este deveria proporcionar-lhe espaço e oportunidade para empreender uma viagem interior, única e muito especial, em que aprendesse a amar-se, a conhecer-se, purificando e aperfeiçoando tudo o que a prepararia para enfrentar o mundo e os outros com segurança e afirmação”* (Guerra, 2008, p.29). Os educadores trabalham no sentido de conseguirem que a educação na Escola forneça bases estruturadas, fortes e equilibradas às crianças e jovens, no sentido de vingarem na vida, enfrentando problemas, frustrações e permanentes desafios. A Educação Física, actualmente, é parte integrante do sistema educativo, arrogando na escola um lugar de destaque no desenvolvimento equilibrado do jovem. Neste sentido, o processo de ensino-aprendizagem deve ser colocado em evidência, não só por parte do professor, como da interligação professor/aluno/escola (Corte-Real, 1999). Como tal realizei uma breve referência ao “Processo Ensino-Aprendizagem”. O tempo e a oportunidade para aprender têm-se revelado de extrema importância para o entendimento das consequências do processo de ensino sobre o produto final alcançado pelos alunos. Neste sentido, a forma como o processo de ensino aprendizagem é desenvolvido parece determinar o sucesso do mesmo.

A realização da prática foi dividida em quatro áreas: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem; Participação na Escola; Relações com a Comunidade e Desenvolvimento Profissional. Estas áreas serviram para mostrar tudo o que planeei, realizei e avaliei durante todo este percurso. Em cada uma delas foram expostos diversos episódios, foram reconhecidos erros, problemas, dúvidas, mas também o que fiz para as conseguir superar, ultrapassar e atingir os objectivos propostos. A par de todo este percurso foram realizadas sucessivas reflexões e por conseguinte adaptações no sentido de poder alterar e aperfeiçoar a minha acção pedagógica.

Relativamente à área 1 – “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem” trata-se de uma área indispensável no processo de ensino e aprendizagem pois é aqui que se retratam as principais tarefas da profissão docente e são elas: a concepção, o planeamento, a realização e a avaliação do ensino. A **concepção** do ensino corresponde ao ponto de partida da nossa actuação. Para podermos exercer melhor a nossa função, é imprescindível o conhecimento a vários níveis, tais como: conhecer o local onde iria decorrer a nossa prática pedagógica, bem como o meio que a envolve; conhecer a turma que vamos leccionar, bem como o programa de Educação Física do 3º Ciclo e o conhecimento das normas da disciplina,

para assim podermos entender e “enquadrar” os objectivos da mesma. O **planeamento** é executado a três níveis: o Planeamento Anual, o Planeamento da Unidade Didáctica e o Plano de Aula. Estes três níveis são baseados no Modelo de Estruturas de Conhecimento de Vickers (1990). No entanto não podemos esquecer que qualquer planeamento é susceptível de ser modificado, pois pode não ser o mais adequado numa determinada situação. Consumada a reflexão acerca do planeamento, o professor tem que se confrontar com a sua aplicação, concretização, com a operacionalização das suas intenções, ou seja, a **realização**. Chegou a altura em que vamos ser postos à prova, vamos pôr em prática tudo aquilo que aprendemos até então e aí podermos “crescer” como profissionais da área, corrigindo os erros e melhorando a cada aula que passa.

A Área 2 – “Participação na Escola” é bastante relevante, pois como professores estagiários de uma escola, é de extrema importância integrarmo-nos activamente no seio da mesma. Assim, faz todo o sentido cooperar e interagirmos com todos os elementos inerentes à escola, desde professores, funcionários e alunos. Penso que o facto de estarmos “por dentro” de toda a organização de um evento desportivo é uma mais valia para nós como futuros docentes, pois estaremos mais cientes do material a utilizar, da burocracia necessária e do papel das pessoas envolvidas. As actividades realizadas foram: os Jogos Tradicionais; o Corta-Mato escolar; o Mega-Sprint; o Torneio Inter-Turmas do 3º Ciclo; a Gincana (Actividade lúdica decorrida no Parque de Sta. Maria de Avioso, Maia) e o Torneio Inter-Turmas de Futebol do 3º Ciclo.

Antes de podermos manter “Relações com a Comunidade” – Área 3, é essencial conhecê-la. Neste sentido, e como já foi referido anteriormente, uma das primeiras funções realizadas pelo Núcleo de Estágio foi precisamente a caracterização do meio. Neste sentido, ficamos a conhecer não só todo o meio envolvente à Escola, mas também os recursos humanos e materiais existentes no Estabelecimento de Ensino. Este conhecimento foi fulcral para me poder “situar”, e assim conhecer e compreender melhor o meio que abarca o local onde decorre a minha prática pedagógica.

Na Área 4 – “Desenvolvimento Profissional” englobam-se as actividades e experiências que proporcionam a construção da competência profissional na perspectiva do seu desenvolvimento. Como a formação não se confina em si mesma, é meu objectivo permanecer em constante desenvolvimento e aprendizagem, aplicando as orientações adquiridas ao longo destes últimos anos de formação pedagógica. Para isso considero importante desenvolver uma permanente atitude reflexiva, de forma a não permitir a estagnação da minha actuação, apoiando-me na investigação, em experiências pelas quais passei e em outros recursos de desenvolvimento profissional. No sentido de melhor entender o meu processo de ensino, realizei um projecto de estudo de um problema decorrente do processo de ensino/aprendizagem. Um dos problemas com que me deparei durante todo o meu processo de ensino-aprendizagem foi com o pouco tempo de aula existente para o ensino de todas as matérias que temos de abordar. Isto é ainda mais evidente nas aulas de 45 minutos, pois na

melhor das hipóteses os alunos estão efectivamente em aula cerca de 35 minutos. Com o intuito de melhor entender este entrave na aprendizagem dos alunos, achei pertinente conhecer também a opinião de outros professores e talvez descobrir algumas respostas a este problema. Assim, distribuí um questionário com três perguntas previamente validado por quatro docentes de Educação Física pertencentes aos quadros da Escola E.B. 2/3 de Leça do Balio. Na primeira pergunta foi questionado se o docente achava que uma aula de 45 minutos era suficiente para a prática e consequente aprendizagem de um aluno. Foi também questionado que diferenças poderiam existir consoante os diferentes conteúdos a abordar. Na pergunta número dois questionou-se sobre quais as estratégias que cada professor utilizava para rentabilizar ao máximo as aulas de 45 minutos e quais as estratégias diferentes que utilizava numa aula de 90 minutos. Finalmente, na terceira pergunta foi questionada a opinião dos docentes, relativamente ao motivo para a existência das aulas de 45 minutos e se concordava ou discordava desse motivo. Após uma cuidada análise de todos os questionários, concluiu-se, entre outros aspectos, que todos os professores questionados, sem excepção, não estão de acordo com as aulas de 45 minutos, pois não contribuem para a aprendizagem dos alunos.

O Estágio Profissional tratou-se de mais uma etapa essencial na minha vida e com certeza a etapa mais gratificante, mas também a mais “árdua” na minha formação académica. É já com alguma nostalgia que olho para trás e vejo aqueles dias de incerteza, de pouco à vontade, de medo de falhar, sem saber o que me esperava... enfim, os primeiros dias do Estágio Profissional. No entanto, orgulho-me de chegar até aqui e poder dizer que errei muito, mas aprendi e melhorei com esses mesmos erros e que me sinto preparada para a docência de Educação Física, apesar de ainda ter muito para aprender, pois estou ciente de que a minha formação não pode acabar por aqui.

Deste ano guardarei recordações para a vida, pois não só aprendi muito como também ensinei bastante. Espero ter marcado os meus alunos positivamente, espero ter-lhes transmitido não só conhecimentos sobre as diferentes matérias, mas também valores que os acompanhem durante todo o seu caminho.

O futuro não se adivinha muito risonho, no entanto, agora com as bases adquiridas durante todo este ano lectivo, sinto-me muito mais confiante e com a esperança de que um dia poderei fazer a diferença na vida de cada um dos meus alunos...

Referências
Bibliográficas

VII- Referências Bibliográficas

- Abreu, S. (2000). *A Gestão do Tempo, a Oportunidade de Prática e os Comportamentos de Indisciplina, no ensino do Rolamento à Frente, à Retaguarda e do Apoio Facial Invertido, em aulas de Educação Física. Um estudo de caso em professoras mais e menos experientes*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Alarcão, I. (1982). *Supervisão clínica: Um conceito e uma prática ao serviço da formação de professores*. Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano XVI, pp.151-168.
- Albuquerque, A.; Graça, A.; Januário, C. (2005). *A Supervisão Pedagógica em Educação Física: a perspectiva do orientador de estágio*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Antunes, M. (1973). *Educação e sociedade*. Sampedro, Águeda.
- Batista, P. (2008). *Discursos sobre a competência: contributo para a (re)construção de um conceito de competência aplicável ao profissional do desporto*. Porto: P. Batista. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Bento, J. (1987). *Planeamento e avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte.
- Bento, J. (1995). *O outro lado do Desporto*. Campo de letras editores. Porto.
- Bento, J. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Colecção Horizonte de Cultura Física. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. (1999). Contextos e Perspectivas. In: J. Bento; R. Garcia & A. Graça (Eds.). *Contextos da Pedagogia do Desporto*. Lisboa: Livros Horizonte. Pp.19-112.
- Boff, L. (2000). *Tempo de transcendência – o ser humano como projecto infinito*. Sextante, Rio de Janeiro.
- Brandão, S. (2010). *Currículo Oculto e Concepções dos Professores de Actividades de Enriquecimento Curricular – Actividade Física e Desportiva*. Porto: S. Brandão. Dissertação apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- Cabanas, J. M. Q. (2002). *Teoria da educação – Concepção antinómica da educação*. Edições Asa, Lisboa.
- Calderhead, J. (1989). Reflective teaching and teacher education. *Teaching and Teacher Education*. (Vol.5), pp. 43-51.
- Canário, R. (2001). A prática profissional na formação de professores. In B. P. Campos, (Org), *Formação Profissional de Professores no Ensino Superior*, (p.31-45) Porto: Porto Editora.
- Cardoso, M. I. (2009). *O contributo do estágio pedagógico para o desenvolvimento da profissionalidade dos docentes de Educação Física – a perspectiva do estagiário*. Dissertação apresentada com vista à obtenção do 2ºCiclo em Desporto para Crianças e Jovens. Faculdade de Desporto – Universidade do Porto. Porto.
- Carreiro da Costa, F.; Carvalho, L.; Onofre, M.; Diniz, J.; Pestana, C. (1996). *Formação de Professores em Educação Física – concepções, investigação e prática*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana.
- Cavaco, M. H. (1993). *Ser Professor em Portugal*. Lisboa: Editorial Teorema, Colecção Terra Nostra.
- Corte-Real, A. (1999). *Novos desafios, diferentes soluções*. 1º congresso Internacional de Ciências do Desporto. 7 a 9 Outubro de 1999. FCDEF-Porto. Livro de Resumos.
- Costa, F. C.; Carvalho, L. M.; Onofre, M. S.; Diniz, J. A. & Pestana, C. (1996). *Formação de Professores em Educação Física: Concepções, Investigação, Prática*. Cruz-Quebrada, Lisboa: F.M.H.
- Couto, A. C. P. (2006). *A Educação Física à luz do movimento da Escola Cultural – Investigação centrada no Projecto Guanabara na cidade de Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto.
- Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (2001). Lisboa: Ministério da Educação. Disponível em http://www.dgidc.min-edu.pt/basico/Paginas/Programas_OrientacoesCurriculares_3EF.aspx

- Damião, M.H. (1997). *De aluno a professor*. Coimbra: Livraria Minerva Editora.
- Delors, J. (2001). *Educação: um tesouro a descobrir*. 6ª ed. Cortez, São Paulo.
- Etchepare, L.; Pereira, É. & Teixeira, C. (2005). Educação Física, Vida e currículo. *Revista Digital* – <http://www.efdeportes.com>. Buenos Aires – Año 10 – Nº 87
- Feitosa, W.; Nascimento, J. (2006). *Educação Física: quais as competências profissionais?* In Souza Neto, S. e Hunger, D. (Eds.), *Formação Profissional em Educação Física: estudos e pesquisas* (pp. 87-98). Rio Claro: Biblioteca.
- Fernandes, M. (2000). *Mudanças e Inovação na Pós-Modernidade: Perspectivas Curriculares*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. (2001). A formação prática de professores: da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica na escola. In Campos, B. P. (org), *Formação Profissional de Professores no Ensino Superior*. Porto: Porto Editora.
- Fullat, O. (1989). Educación. In: Masota, A. et al. (Org.) *Filosofía de la Educación Hoy*, pp.69-90. Dykinson, Madrid.
- Garcia, C. M. (1999). *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.
- Graça, A. (1991). *O Tempo e a oportunidade para aprender o Basquetebol na escola: análise de uma unidade de ensino com alunos do 5º ano de escolaridade*. Provas de Aptidão Pedagógica e de Capacidade Científica, apresentadas à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Graça, A. (1991). *Comparação dos Progressos e da Oportunidade de Aprendizagem no Lançamento ao Cesto de Alunos de Alto e Baixo Nível de Habilidade*. Actas do II Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa *As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva no Espaço da Língua Portuguesa*. 30 de Janeiro e 2 de Fevereiro de 1991. FCDEF-UP.

- Guerra, T. (2008). *Poder Índigo e Evolução Cristal*. Lisboa: Sinais de Fogo – Publicações.
- Guimarães, M. F. (1996). *O conhecimento profissional do professor de matemática: Dois estudos de caso*. Lisboa: M. F. Guimarães. Tese de mestrado apresentada à Universidade de Lisboa.
- Hargreaves, A. (1994). *Chaging Teachers, Chaging Times. Teachers' Work and Culture in the Postmodern Age*. London: Cassell.
- Jacinto, M. (2003). *Formação inicial de professores: Concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Editor Departamento de Educação Básica.
- Lovisolo, H. (1997). *Estética, Esporte e Educação Física*. Ed. Sprint. Rio de Janeiro.
- Matos, Z. (1989). *Para uma definição do conceito e dos pressupostos do desenvolvimento da competência pedagógica*. Porto: Z. Matos. Dissertação de aptidão pedagógica e capacidade científica apresentada à Universidade do porto.
- Metzeler, M. W. (2000). *Instructional models for physical education*. Boston: Allyn and Bacon.
- Monteiro, S. (2008). *Desporto e Educação Física, opção de Desporto de Reeducação e Reabilitação. Motivação e Formação dos alunos de Desporto de Reeducação e Reabilitação*. Monografia apresentada à FADEUP.
- Moraes, M. (1993). A reflexão-acção na formação de professores. *Aprender* (vol.15) pp. 27-30.
- Normas orientadoras do estágio profissional do ciclo de estudos conducente ao grau de mestre em ensino de educação física nos ensinos básico e secundário da FADEUP 2009/2010.
- Pereira, T. (2006). *Percepções e crenças dos professores estagiários em relação aos comportamentos de indisciplina na aula de Educação Física*. Porto: T. Pereira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Piérro, M. (1996). *Formação de professores aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Lisboa: UTL – FMH.

- Pigatto, L. M. (2007). *Ensaio sobre a educação ética ou estética na escola*. Disponível em http://www.cibersociedad.net/recursos/art_div.php?id=184
- Portela, A. (2009). *Percepção de estudantes estagiários relativamente à avaliação em Educação Física, quanto ao género e à modalidade desportiva*. Porto: A. Portela. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Rebelo, R. (2009). *Autopercepção das competências profissionais específicas do profissional de Desporto*. Porto: Rebelo, R. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Rodrigues, D. (2007). *Investigação em Educação Inclusiva, 2*. Lisboa: F.M.H.
- Sarmiento, P.; Leça-Veiga, A.; Rosado, A.; Rodrigues, J. e Ferreira, V. (1993). *Pedagogia do Desporto: instrumentos de observação sistemática da Educação Física e Desporto*. Edição: FMH.
- Schon, D. (1983). *The reflective practitioner*. London: Basic Books.
- Shulman, L. (1987). Knowledge and Teaching: Foundations of the New Reform. *Harvard Educational Review*, 57.
- Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education* (2nd ed.) Palo Alto Califórnia: Mayfield Publishing Company.
- Silva, J. (2009). *Elementos para a compreensão da educação estética pelo desporto na escola – A perspectiva de docentes de pedagogia do desporto do ensino superior em Portugal*. Porto: J. Silva. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Silva, T. (2009). *Elementos para a compreensão do processo de reflexão em situação de Estágio Pedagógico. Estudo de caso de um estudante-estagiário de Educação Física*. Dissertação de Mestrado apresentada à FADE.UP.
- Tannehill, D.; Romar, J.; O'Sullivan, M.; England, K. & Rosenberg, D. (1994). Attitudes toward Physical Education: their impact on how physical education teachers make sense of their work. *Journal of Teaching in Physical Education*. Human Kinetics Publishers, Inc. 13, pp. 406-420.

Anexos

QUESTIONÁRIO

Este questionário surge como material de estudo para o tema a que me propus desenvolver, no âmbito do Relatório de Estágio Pedagógico 2009/2010 inserido no 2º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. O meu tema relaciona-se com o Tempo de Aprendizagem, mais concretamente com a insuficiência do tempo disponível para a prática e consequente aprendizagem nos blocos de 45 minutos nas aulas de Educação Física.

Por favor, responda às questões de forma sucinta e franca.

- 1. Acha que uma aula de 45 minutos é suficiente para a prática e consequente aprendizagem de um aluno? Que diferenças poderão existir consoante os diferentes conteúdos?**

- 2. Quais as estratégias que utiliza para rentabilizar ao máximo a sua aula de 45 minutos? E que estratégias diferentes utiliza para as aulas de 90 minutos?**

- 3. Na sua opinião, qual acha ser o motivo para a existência das aulas de 45 minutos em Educação Física? Concorda ou discorda desse motivo?**

Muito obrigada pela disponibilidade e colaboração,

Daniela Cerqueira